



Notícias de Guimarães

ANO 22.º N.º 1119
 GUIMARÃES, 22 de Junho de 1953
 Redacção e Adm. R. da Rainha, 56-A Tel., 4313
 Comp. e Imp., Tip. Ideal Tel. 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — A V E N Ç A —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



GUIMARÃES * SOLAR DA PÁTRIA
 NOBRE E TRABALHADORA
 SAÚDA O CHEFE DE ESTADO!

GUIMARÃES
 TERRA MÃE DE PORTUGAL
 DE
 ARTISTAS E ARTÍFICES
 VOS SAÚDA

GUIMARÃES TEM MIL ANOS

Na sequência dos acontecimentos que deram a Portugal desmembrado do reino de Leão, a independência, a formação e a mesma fixação de limites fronteiriços, Guimarães, no feérico e colorido pano de Arrás dos feitos gloriosos da grei, é a lança mais alta e o símbolo mais elevado da nossa História.

Desde as Cítânias até aos Romanos, desde os celtas até aos merovíngios, desde a Idade Média até à Renascença, a cidade única que pela sua arquitectura lembra Munique e algumas cidades hanseáticas, é um ex voto medievo, renascentino, romântico e actual. O passado de Vimaranes adiciona-se ao presente. Presente e passado fundem-se em futuro. Assim um milénio aproxima-nos mais do passado, do que o passado nos aproxima de nós.

Marcados os limites da Nação, Guimarães define a sua importância nas Cortes Gerais com a Bula Papal, que transformou o Estudo Geral de Santa Marinha da Costa em Universidade, tendo o Prior

do Crato, D. António I tomado o grau de bacharel na sapiência dos seus mestres entre os quais o celeberrimo Clénardo.

A Cítânia de Briteiros, o Castelo Galaico de Mumadona, a Colegiada de Oliveira, encontraram em Martins Sarmiento, Alberto Sampaio e o Abade de Tagilde, a trilogia reveladora dos seus pergaminhos imorredouros.

Nascidos, nós, no centro da planura central entre o triângulo dos castelos de Palmela, Setúbal e Cesimbra, em terras reconquistadas aos mouros, somos os primeiros a prestar homenagem ao milénio de Guimarães, a certidão de baptismo ou a terra baptismlal da Nação, que deu ao mundo S. Dâmaso, Papa de 366 a 384, o qual confiou a S. Jerónimo a tradução da Bíblia conhecida pelo nome de Vulgata latina, o épico fundador Afonso Anriques e o genial e inconfundível Gil Vicente, padrão imperecível da nossa literatura.

CORREIA DA COSTA



Esta hora em que Guimarães, sempre fiel aos seus pergaminhos e tradições, orgulhando-se de ter sido o Berço da Nação Portuguesa, vai iniciar as suas comemorações, cheias de brilho e de alto significado histórico, do Milenário do Burgo que a Condessa Mumadona fundou e do Centenário da Cidade, que a Excelza Rainha Dona Maria II instituiu por Sua Carta Régia em 1853, "Notícias de Guimarães", que acompanha com devoção e vive com entusiasmo os momentos solenes desta Dobre Terra e anseia pelo seu, cada vez maior, progresso, consagra as páginas deste número comemorativo a todos quantos, quais Romeiros do Passado, fizeram e honraram este Cantinho da Pátria Portuguesa. E saúda, ainda, com profunda veneração e respeito, na pessoa do Senhor Presidente da República, General Francisco Dignio Traveiro Lopes, que oficialmente nos visita, as Figuras do Presente que á mesma Pátria consagram todo o amor e enternecido afecto.

UM MILENÁRIO

QUANDO, em 1940, se comemoraram nesta Cidade, com incedível elevação patriótica, os Centenários da Fundação e da Restauração da Nacionalidade, se não podia haver dúvidas sobre o facto, historicamente comprovado, de que, nesse mesmo ano, passava o tricentenário da Restauração da soberania nacional, após as tristes seis décadas de submissão ao Governo espanhol — outro tanto não sucedeu com relação à data da Fundação de Portugal, que alguns contestaram tivesse sido em 1140.

Em que se baseava essa contagem dos oito séculos da nossa existência como Nação independente? Logicamente, na data do primeiro diploma conhecido em que Afonso Henriques aparece com o título de Rei de Portugal — «Ego Alfonsus portugalensium Rex». Mas, é precisamente essa data uma das mais incertas da História pátria.

Anda na tradição secular que D. Afonso Henriques fôra proclamado Rei após a vitória de Ourique, no próprio campo onde a batalha se feriu, a 25 de Julho de 1139. Para Alexandre Herculano, só em 1140, porém, Afonso Henriques se intitularia Rei, reportando-se o insigne historiador a um documento datado de 10 de Abril desse ano. O Prof. Paulo Merêa publicou um outro documento, de Março de 1139, que o Prof. Damião Peres reproduziu também na sua História de Portugal, no qual, já nessa data, o monarca aparece com a designação de Rei. Por sua vez, o medievista alemão Carl Erdmann põe dúvidas ao valor testemunhal desse documento, e chega à conclusão de que a mudança do título de príncipe, ou de in-

fante, para o de rei se teria dado entre Julho de 1139 e Abril de 1140. A verdade é que, no período que decorre desde 1139 a 1941, as designações alternam-se, aparecendo, em diplomas vários, ora de uma forma, ora de outra. Como se vê, as dúvidas são muitas, e por isso alguns estudiosos alegaram, em 1940, que a data do oitavo centenário já havia passado em 24 de Junho de 1928, visto que Afonso Henriques, em seguida à batalha de S. Mamede, que tivera lugar no dia de S. João do ano de 1128, se apossara, de facto, do governo, embora Afonso VII de Leão continuasse a não lhe reconhecer a independência da Terra Portuguesa, e só em 1179 o Papa Alexandre III lhe confirmasse, numa Bula, o título de Rei.

As dúvidas então suscitadas, em 1940, quanto à contagem dos oito séculos da Nação portuguesa, repetem-se agora com relação ao Milenário de Guimarães. Todos estamos perfeitamente de acordo em que, há 100 anos exactos, foi a Vila de Guimarães elevada à categoria de «Cidade». Mas, quanto ao Milenário da fundação do burgo vimaranense, que, no decorrer dos séculos, teria dado origem à cidade de hoje, as opiniões divergem.

Não há, na verdade, nada mais incerto e conjectural do que o momento histórico em que uma povoação nasceu. Sabe-se lá a data em que se criou, em determinado lugar, um aglomerado de população, cuja história se perde na bruma de um passado remotissimo! Se nos reportarmos, no caso de Guimarães, à fundação do Mosteiro de Mumadona, em redor do qual se pretende haver nascido o burgo que deu



Doutor António de Oliveira Salazar
 Ilustre Presidente do Conselho

origem à nossa terra, o documento mais antigo conhecido que a esse Mosteiro se refere é uma doação de Ramiro II de Leão, sobrinho de Mumadona, documento este passado entre os anos de 931 e 950, período em que esse monarca reinou. Existem, porém, documentos referidos a datas anteriores um século, isto é, de meados do século IX, que já aludem à Villa Vimaranes. Não é mesmo de rejeitar, antes perfeitamente aceitável, que já muitos séculos anteriormente a estas datas mencionadas nos pergaminhos medievais que chegaram até os nossos dias, existisse, no local onde hoje assenta Guimarães, pos-

sivelmente no outeiro onde em meados do século X, foi mandada construir por Mumadona o nosso Castelo, de desses numerosos «castros» lusitano-romanos, cujas ruínas são tão frequentes, por montes e outeiros do Norte de Portugal.

Festejando-se pois, no corrente ano, os mil anos da existência de Guimarães, poderemos não ser, em absoluto, exactos; contudo, não falsearemos totalmente a verdade histórica, pois a nossa terra, como muitas outras do País, tem, sem a mais pequena dúvida, para cima de um milénio de existência.

Mário Cardozo

INDÚSTRIA E AGRICULTURA

Foi o grande Alberto Sampaio, mestre de história social e de economia rural quem, há uns setenta anos, sustentou, em resposta à pergunta: *Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?* que «não é independente uma nação ou um povo só porque certas circunstâncias lhe permitem uma soberania especial representada por um Governo».

E o sábio recolhido de Boamense, continuou: «Para ser na verdade independente, é necessário que afirme a sua existência duma maneira própria, que se torne um organismo em que as actividades de todos os seus elementos têm de convergir para a conservação e aperfeiçoamento das primeiras necessidades, até às mais elevadas concepções do espírito, isto é, até ao desenvolvimento das faculdades características da sua raça».

E ainda: «uma nação ou um povo que viesse a perder a sua indústria, perdendo uma função das mais importantes, perderia também uma das principais expressões do seu génio e colocar-se-ia, por esse facto, moralmente, como estamos vendo, e economicamente, como veremos logo, numa posição inferior em respeito aos outros que continuam a possuir aquela faculdade criadora».

Teremos nós porém capacidade industrial? Já, então, Alberto Sampaio afirmava que sim, dizendo: «sobeja-lhe (ao povo português) o amor do trabalho, a reflexão, a tenacidade e o espírito de ordem, tendo em si os elementos necessários para criar uma indústria nacional».

Provou-o que farte o inquérito industrial de 1881. Mestres nacionais e estrangeiros opinam conformemente que o operário português possui todas as qualidades necessárias de um bom oficial: o que lhe falta é o ensino técnico geral, a aprendizagem, e um meio moral conveniente que lhe estimule as faculdades inventivas».

O estudo de Sampaio, há tanto tempo escrito, não perdeu actualidade, sobretudo quanto às carências que ele sublinhou. E o condicionalismo económico e social que se criou, no último meio século, veio justificar inteiramente a sua orientação.

A's razões de ordem técnica por ele invocadas, acresceram as injunções económicas. A industrialização não é, hoje, apenas uma demonstração da capacidade técnica nem depende somente duma boa preparação profissional ou obedece a finalidades cívicas e patrióticas.

As necessidades económicas da nação exigem-na. Há que sustentar uma população em ritmo forte de crescimento. Ou se industrializa o país, até onde for possível, para assegurar subsistência e melhoria de nível de vida à população, que aumenta, ou esta tem de procurar, fora de fronteiras, trabalho e alimentação, pois a terra da Metrópole já não pode sustentar os que nela vivem e crescem, aos 100 mil anualmente.

O esforço feito para o aproveitamento dos recursos hidro e termo-eléctricos do país — e que não custa a reconhecer que tem sido importantíssimo, — terá que ser continuado e completado, a fim de permitir a vida das indústrias que, todos os dias, se estão instalando e a melhoria da agricultura que precisa de desenvolver-se e modernizar-se.

Terão as novas indústrias de ser estudadas previamente e com objectividade e proficiência, para que não haja dúvidas sobre a sua viabilidade económica e para que não venham a perder-se, inutilmente, capitais e a comprometer-se injustamente técnica e mão de obra que temos de defender, com toda a parcimonia.

em volta de si o trabalho fabril. Os grupos de população manufacturera que se vão formando em derredor, abrem-lhe um mercado, activam-na e forçam-na a aumentar a produção. Mais tarde é ela que lhe fornece a apanha aperfeiçoada, é ella enfim que com o seu ensino vae reagir sobre a outra, obrigando-a, também, pelo exemplo, a melhorar os seus processos.

Se a lavoura portuguesa quisesse reformar os seus utensílios primitivos, teria de os importar na sua generalidade e, portanto, exportar os valores representados no seu custo que desapareceriam fatalmente da economia da nação; enquanto que se a nossa indústria os pudesse fornecer, ficariam no país fomentando a produção nacional».

Esta é a boa doutrina. Uma lavoura progressiva e próspera tem de estar na base da riqueza nacional. Mas agricultura e indústria são interdependentes. Sem prosperidade agrícola, não a pode haver industrial. A agricultura precisa do exemplo sugestivo da modernização fabril e do consumo mais retribuidor dos seus produtos pelas massas operárias da indústria.

Fui, em certa altura, dos que viram, com satisfação, os industriais enriquecidos voltarem-se para a agricultura e fazerem-se grandes proprietários rurais, com dinheiro fácil e barato para a exploração agrária e como era de esperar também, com métodos de produção mais modernos e racionais. Infelizmente a influência que eles exerceram na agricultura pôde-se sentir ainda, se é que se sentiu. A situação não mudou.

1950 representou 215.734 Tons. e 41.807 C. ouro. E nesta rubrica não se incluíram muitos produtos alimentares como as conservas de peixe, carne e frutas, e muitas matérias primas meio trabalhadas como o pêz e a água-raz; umas e outras provenientes de actividades fabris e as últimas de produção relativamente recente.

Mas Sampaio não se deixou tomar de entusiasmo pela industrialização, repudiando ou esquecendo a agricultura. Ele escreveu, também, no artigo a que me estou referindo: «Se na ordem cronológica das indústrias a agrícola é a primeira que aparece como mãe de todas as outras, como a origem de toda a civilização, ficará todavia naquella estado rudimentar e primitivo enquanto se não desenvolver convenientemente

o regime de condicionamento industrial (que foi criado, se não estou em erro, por um vizinho de Guimarães, despretencioso e de notável senso prático: — o Dr. Antunes Guimarães) tem tido muitas vantagens económicas e não há industrial que, desapaixonadamente, não reconheça as suas virtudes e os seus méritos.

Deveu-se-lhe um esforço orientador na defesa da organização industrial do país, que pode ser discutido, num ou noutro detalhe, mas que há-de ser reconhecido, como útil e eficaz, quando, fora de pequenas questões de momento, o interesse nacional fôr a razão única da inspiração duma crítica construtiva.

Algumas novas indústrias primaciais estão em marcha. Tem sido mais demorado pôr outras em laboração. Mas, de um modo geral, as velhas indústrias tradicionais ampliaram-se, renovaram-se e procuraram actualisar-se com aparelhamento novo, com maior preparação profissional do operariado, melhores condições de instalação e ambiente mais higiénico e confortável de trabalho.

Se compararmos, na nossa importação, as compras de matérias primas de 1900 com as de cinquenta anos depois

de se, paralelamente, confrontarmos a exportação de objectos fabricados no mesmo período, temos de concluir por que a industrialização do país se está processando lentamente mas com segurança.

Em 1900 — não chegávamos a 5 milhões e meio na Metrópole, — importamos 1.263.949 Tons. de Matérias primas no valor de 19.703 contos-ouro. Meio século depois — eramos já quase nove milhões e meio, — essa importação subiu para 2.177.154 Tons. e 61.588 C. ouro.

A exportação de Objectos fabricados que somou, no primeiro ano deste século 21.437 Tons. e 4.632 C. ouro, em 1950 representou 215.734 Tons. e 41.807 C. ouro.

E nesta rubrica não se incluíram muitos produtos alimentares como as conservas de peixe, carne e frutas, e muitas matérias primas meio trabalhadas como o pêz e a água-raz; umas e outras provenientes de actividades fabris e as últimas de produção relativamente recente.

Mas Sampaio não se deixou tomar de entusiasmo pela industrialização, repudiando ou esquecendo a agricultura.

Ele escreveu, também, no artigo a que me estou referindo: «Se na ordem cronológica das indústrias a agrícola é a primeira que aparece como mãe de todas as outras, como a origem de toda a civilização, ficará todavia naquella estado rudimentar e primitivo enquanto se não desenvolver convenientemente

o regime de condicionamento industrial (que foi criado, se não estou em erro, por um vizinho de Guimarães, despretencioso e de notável senso prático: — o Dr. Antunes Guimarães) tem tido muitas vantagens económicas e não há industrial que, desapaixonadamente, não reconheça as suas virtudes e os seus méritos.

Deveu-se-lhe um esforço orientador na defesa da organização industrial do país, que pode ser discutido, num ou noutro detalhe, mas que há-de ser reconhecido, como útil e eficaz, quando, fora de pequenas questões de momento, o interesse nacional fôr a razão única da inspiração duma crítica construtiva.

Algumas novas indústrias primaciais estão em marcha. Tem sido mais demorado pôr outras em laboração. Mas, de um modo geral, as velhas indústrias tradicionais ampliaram-se, renovaram-se e procuraram actualisar-se com aparelhamento novo, com maior preparação profissional do operariado, melhores condições de instalação e ambiente mais higiénico e confortável de trabalho.

Se compararmos, na nossa importação, as compras de matérias primas de 1900 com as de cinquenta anos depois



Retrato da Rainha Dona Maria II

“MUY NOBRE E LEAL CIDADE,”

Na velha Porta da Vila,
A multidão, à porfia,
Suas ansias não continha...
Quería ver a Rainha
Senhora Dona Maria!

Ao longe, já se divisa
Doirado coche real!
Ela e o Seu Real Consorte
Vêm, em luzida corte,
A caminho do Toural!

Entraí, Senhora, os umbrais
Desta Urbe toda anseio,
A Vimaranes bendita,
A' qual concedeis a dita
De repousar em seu seio!

Honrando glórias d'antanho,
Vens trazer-lhe o galardão
Que a torna cidade eleita,
Deixando-lhe, desta feita,
Parte do Teu coração!

Tomai, Senhora, estas chaves,
E as torne Vosso disvelo
Firmeza destas muralhas,
Testemunho de batalhas,
Guarda do nosso Castelo!

Snbireis esta calçada
Té junto da Padroeira!
Vereis, Morena Madona,
No templo de Mumadona,
— A Senhora da Oliveira!

23 Junho de 1953

Entraí neste templo Santo!
Vêde estes claustros sagrados
Que são perenes miragens
Da Fé de tantas romagens
Dos Vossos Antepassados!

Subi depois a Colina!
De pedras negras, tostadas,
Vêde o Castelo velhinho...
— É o imortal pergaminho
Das nossas glórias passadas.

Vêde a Torre de Menagem.
Vêde o seu granito ardente
No esplendor da majestade!
— Foi glória da Meia-Idade,
É padrão da fé ingente!

E direis, então, Senhora:
«Numa fé que nos encanta,
«Quantos e quantos cruzados,
«Foram em teu seio armados,
«Morrendo na Terra Santa!

«Por São Tiago!» Ouvireis
Nas ameias: «A' disputa,
Frente às hostes de Leão!
Já é nosso este rincão...
É a palmo e palmo a luta!»

Guimarães, Cidade Eleita,
Nobre, leal e velhinha,
Por dever de gratidão,
Guarda-Vos no coração,
Senhora e Augusta Rainha!

MENDES SIMÕES

Do livro em publicação: «Retábulo d'Amor».

◇ O Melhor Presente ◇

QUERIA possuir a técnica dos grandes mestres para meter as mãos nesses velhos baús de pergaminhos desbotados, que nos ficaram desde a Idade Média e arrancar do pó das velharias uns tantos onde ainda se podem ler as glórias desta terra que nesta data celebra o centenário da sua elevação a cidade e o milenário do seu burgo, que foi sede do Condado Portucalense, na opinião fundada de um ilustre sacerdote, que vive a aprofundar a história encoberta da nossa e sua terra, pois é natural de S. Torcato. Na opinião do Rev.º Arlindo Cunha, o Conde Vimara Peres governou desta cidade os territórios que constituíram o Condado Portucalense.

Aqui organizou uma Villa, a Villa de Vimaranes, que deu o nome à nossa cidade ilustre. Seja assim ou não, o que porém é certo é que aqui viveram, e governaram, D. Teresa e D. Afonso Henriques, os quais foram arrancar, ao Rei de Leão, a independência deste condado. Aqui teve origem a inclita geração que alargou o novo Reino, cuja história brilhantíssima não tem par na História do Mundo.

O que somos, o que é Portugal, o que tem sido e ainda será, teve o início nesta terra, orgulho e honra nossa. Foi daqui que Portugal se enraizou, se alargou, lançou as garras que filaram este território e com tal ardor, segurança, avidez e presa, que, durante oito séculos, ainda ninguém nos pôde aniquilar.

E' pois Guimarães, a velhinha do Castelo, da Oliveira, dos Paços dos Duques de Bragança; a Guimarães das pedras gastas das suas muralhas, que tanta história nos contam; das varandas em colunas, salientes sobre as ruas estreitas e lageadas, dos monumentos de fé e caridade; desse tesouro inegalável que detem o opulento património, restos da riqueza inapreciável, do templo de Mumadona; é essa anciã de cara enrugada e corpo contraído, a Mãe e Avó da grande Nação Portuguesa.

Glória pois a Guimarães, ao seu povo bom e paciente, cristão e laborioso, descendente íntegro das virtudes daqueles primeiros guerrilheiros e colonos, que desbravaram as primeiras terras bárbaras de Portugal.

E' grande honra a que nos é

dada com a visita das autoridades máximas da Nação, nesta hora de festa à nossa Villa veneranda, mas é também o reconhecimento de uma dívida que a nação tem a pagar à velha Mãe.

A muitos se irão extasiar os olhos contemplando esta terra de saudade e trabalho, onde se vive o passado, se trabalha no presente e prepara o futuro e é natural que se contemple e medite sobre os carinhos que a Nação deve a esta cidade Mãe. Ficam-lhe bem essas ruas estreitas e arcaicas, esses templos românicos e góticos, já mais ou menos modernizados, com aroma a idade média, uns restaurados, outros em ruínas permanentes. Tudo lhe fica bem e dentro dos muros, que ainda lhe restam, não ficariam mal que as construções novas fossem feitas no estilo característico do antigo, que se salvou.

Então, quem visitasse Guimarães, e tantos são os que aqui vêm procurar os restos do passado, — revê-los-ia no Castelo medieval, nas Paços dos Duques de Bragança, na Oliveira; sentir-se-ia

(Continua na pág. seguinte)

REAL! REAL! REAL!

A batalha tornou-se inferno horripilante,
A fúria gigantesta, encarnizada, acesa!
Aqui o moço imberbe e destemido infante,
Além o usurpador e dono de Teresa...

Lá do cimo da torre o BOBO, hilariante,
Enxerga o Lidador soberbo de fereza...
Sacode o seu gibão vermelho, guizalhante,
E brada: — É a vitória à Hoste Portuguesa!

Quase mil anos já! A nobre Vimaranes
Recorda com orgulho os valorosos Manes
Que ergueram S. Mamede à mais fulgente glória!

Quase mil anos já! Real! Real! Real!
E a nossa Pátria linda, o nosso Portugal
Principiou assim a sua altiva História!

JUNHO DE 1953

Delfim Guimarães

EM 1291 OS IRMÃOS BAIÕES
FUNDAM EM GUIMARÃES A

“Confraria de Santa Maria dos Sapateiros,”

ASSIM NASCE ENTRE NÓS O CORPO-
RATIVISMO DAS ARTES E OFÍCIOS

Alma Portuguesa

O' alma portuguesa! Su te bendigo
Por tudo que me dás de suavidade,
De ternura, de sonho, de saudade,
No teu conforto de solar antigo.

Encontro em ti, nas ruas da cidade
Para o meu sentimento um doce abrigo.
Gada passante, em sua alacridade,
Parece meu irmão ou meu amigo.

Gêdo te amei sem ruído e sem alarde.
Dei-te poemas e flores... Hoje venho
Golher do amor o fruto e embora tarde,

Sinto o mesmo frenético alvoroço!
Que importa o meu crepúsculo, se tenho
Para te amar um coração de moço?!

OLEGARIO MARIANNO

N. da R. — Este soneto foi escrito propositadamente para este Número Especial do *Notícias de Guimarães*, pelo consagrado Poeta Brasileiro Olegário Mariano, grande Amigo de Portugal e que há pouco foi escolhido para Embaixador do Brasil no nosso País. Arquivamos com desvanecido orgulho esta honra.

Em Fátima

Rude e áspera é a paisagem, mas que importa?
Vibra tal esplendor na luz ambiente
Que a alma da gente em preces se transporta
Ao céu e volta pura a alma da gente.

Gomo que paira milagrosamente
A Santa no alto da campina morta,
Derramando dos olhos em torrente
A esperança que eleva e a fé que exorta.

Gente de Portugal! O' minha gente!
Tu que em Fátima vês Nossa Senhora,
Pede-lhe, consternada e comovente,

Que volva os olhos aos que nela pensam
E alongue os braços de Brasil agora
Para ungi-lo na unção da sua bênção.

OLEGARIO MARIANNO

A Visita do Chefe do Estado

O berço da nacionalidade,
à semelhança dessa inolvidável
manhã de 4 de Junho de 1940,
em que o seu Castelo foi teatro
duma apoteose sem igual aos
oito séculos de existência de
Portugal como Nação livre,
vai viver horas de extraordinário
entusiasmo, ao comemorar
mil anos da existência do
seu burgo.

O Venerando Chefe de Estado dá uma prova de simpatia e particular carinho à Cidade de Guimarães, dignando-se visitá-la e presidindo ao início das comemorações.

A população de toda a Terra de Guimarães tem obrigação de mostrar o quanto está reconhecida pela Sua visita, acolhendo-O com o mais ardente entusiasmo e manifestando-Lhe a sua grande admiração pelas exemplares virtudes do grande português que, com superior e esclarecido espírito, preside aos destinos da Pátria Portuguesa.

AUGUSTO FERREIRA DA CUNHA
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES



Augusto Ferreira da Cunha
Presidente do Município Vimaranesense

... Senhor Director do jornal
Notícias de Guimarães

Com muito prazer venho associar-me ao regozijo que sente Guimarães, ao celebrar o milénio da povoação, e o centenário da elevação do velho burgo à categoria de cidade.

Deixo aos eruditos a tarefa de desvendar, ou divulgar o que há de memorável na história desta terra, tão cheia de nobilíssimas tradições, que a colocaram entre os mais notáveis de Portugal.

O meu intuito é apenas mostrar aos vimaranenses que, como chefe do distrito, do coração os acompanho na sua alegria e bem compreendo o orgulho que legitimamente sentem por pertencerem a uma terra que, por muitos títulos, deve considerar-se sagrada, como patenteiam os seus monumentos, os seus arquivos e os seus museus.

As minhas saudações muito sinceras a todos os que colaboraram nas comemorações, demonstrando que possuem um elevado espírito de civismo e têm a consciência do que representa de admirável e de grandioso o papel de Guimarães na nossa História.

Ainda antes da fundação da monarquia, governou esta região, no século X, o célebre condessa Mumadona, que foi certamente a alma da fundação de Guimarães, pois, alem

do formoso mosteiro, transformado mais tarde em Colegiada, edificou o Castelo, a cuja sombra se criou a importância militar da povoação.

Foi aqui depois a sede da rebelião que se organizou, no século XII, em volta de Afonso Henriques, e que veio a originar o reino independente de Portugal, no qual se transformou o condado portugalense, cuja capital já fora em Guimarães.

Podem pois os vimaranenses afirmar com perfeita verdade: «Aqui nasceu Portugal».

Nenhuma glória mais alta pode ser invocada por qualquer terra portuguesa.

Depois, aqui, já na 1.ª dinastia, se celebraram côrtes algumas vezes, o que mostra a importância mantida pela povoação.

Aqui, muitos reis estiveram, e aqui firmaram numerosos documentos.

Aqui se celebraram as pazes entre D. Afonso IV e seu filho D. Pedro, por intervenção da Rainha Santa Isabel.

Aqui esteve e se demorou D. João I, por várias vezes. Mas Guimarães notabilizou-se também pelo seu comércio, mesmo internacional, e por ter sido um grande centro de cultura.

O Convento da Costa foi, por algum tempo, quase uma Universidade.

Têm pois razão os vimaranenses quando se orgulham da terra onde nasceram.

NERY TEIXEIRA
GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO

JORGE CEDEIRA, «O VELHO»
JORGE CEDEIRA, «O MOÇO»

Dois ourives nascidos em Guimarães, no século XVI,
com oficina em S. Tiago de Compostela.

DA MEADA NA DOBADOIRA...

Soltam-se, por vezes, e partem-se os fios: mas ela segue, mal atados e presos ao novelo, no seu ritmo lento, ora muda e triste como a mão de velha que a move, apenas, a intervalos, quase certos, com arfos e arquejos de cansaço, ora na ladainha monótona de carpintes, magoados suspiros. Ao seu girar, na casa morta, a dobadoira chiando entristece mais a noite, aprofunda-a na densidade do pesadelo na treva. O próprio pendular do velho relógio caseiro se assusta e empalidece. Mesmo assim, no escuro veludoso de largos panos de luto, fecho bem cerradamente os olhos: só assim conseguirei elaborar as linhas desta nota. E não virão senão do subconsciente, quando o espírito amolecer em colapso de adormecimento.

São retalhos estafiados, quase desfeitos, sem a cor da visão, embora de evocar retrospectivo, e sem forma de imagem, mas não se confundem com o sonho, pois lhe resta ainda, na poalha da cinza, qualquer coisa de uma luz que viveu, mas se apapou no passado. Muito longe, muito distante, e tanto que, por muito nossa que fosse a impressão, de nós se destacou e separou como se jamais se nos tivéssemos ao menos conhecido sequer. Outono de 1889. A' ceia, disseram — «Vão-se quebrar os Escudos por morte do Rei Dom Luís. E' uso da Câmara».

Tinha eu, então, cinco anos e já andava na Escola dos Terceiros de S. Francisco: fiquei-me a pensar na fúnebre e tradicional cerimónia da quebra dos escudos.

Imagens muito desbotadas, como velhas estampas delidas e sujas, amontoam-se, desenrolam-se, perpassam, soturnas e escuras, no sumiço da quase cega memória — de uma Guimarães muito diferente, que foi e já não é, muito difícil de imaginar o que fora, em tudo, no físico e no moral. Não ficara, lamentavelmente, a cristalização do burgo antigo, com seu carácter afonsino a rememorar vestígios de mais passadas idades — e que irreparável perda não se haver mantido e dentro das muralhas, possível, como era, dar-lhe, conservando-a como intacta, nessa parte (alargando-se a nova cidade em novos rumos), os mais modernos e

civilizados cuidados de salubridade e de higiene! —; mas, embora impelida já fortemente a aburguesar-se, caíra na caturreira de vila velha, meio reumática, tão cheia de preconceitos bons e absurdos, como ciosa do brio dos seus homens, no clero, nobreza e povo. Intanguida, descoroçada, mas boa e alegre velhota, ora beata, ou sécia. Ainda escassamente alumada a petróleo (fora em Abril de 1864 que se inaugurara em parte das ruas essa iluminação e só em igual mês do ano de 1879 a Câmara resolvera que, desde 1 de Julho, estivesse acesa toda a noite e não apenas até à uma hora)... o Tournal, onde, recentemente se fizera Jardim Público cercado de grades... (ainda me bruxuleia a imagem confusa da reconstrução do Chafariz do Tournal no velho Largo do Carmo);... entre o Tournal e S. Francisco erguia-se um outeiro, com típica e alpendrada capela — a Igreja de S. Sebastião — rodeada pelo cemitério da freguesia: ou antigo cemitério público!, para onde havia escadas e em que se sentavam vendedeiras, que apregoavam doces, rebuçados, laranjas e tremoços...

Por ali abaixo era a Caldeirão, muito afanosa e trabalhadeira, com estabelecimentos industriais e comerciais que adquiriram justo renome, e, em pequenas tendas, os ferradores com seus troncos, às voltas com cavalgaduras de várias espécies e génio casmurro se não destemperado e, por entre relinchos, palavrórios afoitos e notas picanter de gargalhada, a gente começava por ali a descer para subir, junto ao formoso quintal dos Arrochelas, muito estilizado de colunas e estátuas, para a estação do comboio, que, havia pouco, apitara na terra, não sem longas e demoradas porfias. Passada a Fonte dos Passarinhos, que tinha seus enleios de namoro, por S. Dâmaso abriam-se os toldos dos albardeiros. Aqui, além, algumas casinhas, embora remendadas, atemavam na louçania do seu velho ar arquitectónico, o que lhes dava, modestinhas mas donairoas, certa fidalguia do tempo. Assim havia significado, hoje inteiramente perdido, no acto de dobrar uma esquina e a própria esquina seu inconfundível estilo. Da

Senhora da Guia, em certos dias da semana, partiam as estafetas para Terras de Basto, Vila Pouca, Trás-os-Montes, com seus arcos de pano forte ou de oleado, as muares com guisos, por causa dos lobos, os cães de guarda, grandes pragas e estalos fortes de chicotadas no ar, que o gado levava-se melhor falando-lhe à feição e prometendo-lhe a alguideirada com migas de pão e vinho... Eram as diligências que principalmente nos punham em comunicação com o mundo. Sim, havia a fama e o susto do Papa-Açúcar, dos últimos saltadores de estrada, homem, afinal, rude, parco e generoso: num Domingo de Junho de 1883 evadira-se da cadeia daqui: tirara as chaves ao carcereiro, enquanto este dormia, levando-lhe a corrente de prata, o relógio e cinquenta e dois mil réis em dinheiro...

Ir, então, a Braga, a Cidade dos Arcebispos e Côrte do Rei David nas Festas do S. João, era caso muito sério, quase pendurado ao sol ou à chuva em uma das três bancadas de fora, com alto na Morreira para comer as cavacas da Senhora Emília, e, aviados os trabalhos, comer o bife enorme de cebolada no Igo, o mais célebre dos bifes portugueses de todos os tempos...

Pelo S. Torcato, desde o cair da noite de sexta-feira, elas passavam pejadinhas deromeiros, numa algazarra de cores e de modinhas; durante uma semana, ao depois, nas casas e nas ruas — as moscas ocupavam tudo, manchavam tudo, só havia moscas.

Nos enterros, os caixões estavam abertos na igreja — ia ver-se a cara dos defuntos. Lembro-me do Visconde de Santa Luzia, com sua farda de moço-fidalgo, e de uma outra cara redonda, glabra, com um rictus de ironia pícara e desdém azedo na comisura dos lábios. E os sinos, pelas várias torres, S. Domingos e S. Francisco, Misericórdia e S. Paio, S. Dâmaso e Campo da Feira, o Carmo e o Hospital, a Oliveira, as Capuchinhas e a Costa, dobrando plangentemente, encapuçavam o povoado numa ressonância metálica de pesado tenebroso. Só comparável, é claro que em menor escala, a instrumentação dos

picheiros e caldeiros na do Mata Diabos (nome que lhe adviera do Mata Diabos, antes de 1626, ter um Estalagem naquela Rua da Fonte Nova, a velha que lá está ainda).

Mas já se sobrepõem, quase vertiginosamente, numerosos recortes de imagens confusas e desconexas: um cunhal, uma cornija, mirantes armados nos telhados, santuários e alminhas, vielas estreitas com almiscar de mistério, as serenatas, os últimos boémios em sonambulismo de amor já doente e saudosos, apagando-se com as estrelas...

Quando fizera os cinquenta, o século estava já envelhecido e chagoso de rude golpes na carne, o espírito desorientado e perplexo. Para nós abria

(Continua na página seguinte)

O melhor presente

(Continuação da pág. 4)

transportado aos tempos em que se ouvia o toque da garrida convidando os cônegos à recitação de Vésperas, na nobre, velha e sempre fidalga Colegiada. Seria mais solene a procissão de Corpus Christi, feita pela Câmara, com o Cavaleiro S. Jorge à frente, os ricos paramentos flamejando na sua chama de ouro, a brilhar ao sol, com a teoria dos cônegos, Beneficiados, coreiros, etc. acompanhando a Custódia de prata macissa, burilada por Gil Vicente, nas mãos do D. Prior, mostrando o Corpo de Deus vivo.

A cidade nova, a nova Guimarães, a cidade de progresso e da vida, essa estender-se-ia, donairosa e bela, fora das muralhas, nas largas avenidas construídas e a construir desde a Igreja do Campo da Feira, direitas ao Palácio da Justiça, desde aí à Avenida Duarte Pacheco, abrindo ao sol e aos visitantes a parte bela e desconhecida, que são as Avenidas Novas.

E se se transformasse o Campo do Salvador, que já agora não poderá continuar a ser uma feira de bois e porcos, se o transformassem no que naturalmente deverá ser, um parque de descanso nos dias ardentes de sol, à sombra daquelas formosas árvores, plátanos e choupos gigantes que lá existem, mercedores de mais carinho e amor, e de outros que naturalmente aí plantariam, com o Castelo ao fundo, no trono de rocha e granito onde pontifica como rei, que bela ficava a nossa cidade, reliquia do passado a contrastar com a outra parte, a nova cidade de vida e beleza!

Era esta a melhor homenagem e o mais grato presente que a Nação poderia oferecer à cidade que foi AVÓ, Mãe e MADRINHA de PORTUGAL.

Padre Carlos

GUIMARÃES

BERÇO DE PORTUGAL

QUANDO, em 1940, Portugal celebrou os seus oitocentos anos de nação independente, Guimarães, berço da nacionalidade, foi justamente distinguida no início das comemorações centenárias, e o seu venerando castelo foi teatro de uma verdadeira apoteose, coberto de flores trazidas dos quatro cantos do mundo, unido pela devoção patriótica de milhares e milhares de portugueses. A hora de extraordinária beleza e altura que então vi-

veram os portugueses, foi testemunho bastante de que o povo lusitano sente bem acesa no seu coração a chama viva do amor pátrio, e compreendia plenamente o significado transcendente do centenário então comemorado. Como nessa altura disse Salazar, num memorável discurso, que marcou um momento único dessas comemorações, «vimos de longe, alguns de muito longe, visitar a velha casa de seus velhos pais, a cidade augusta onde primeiro bateu,

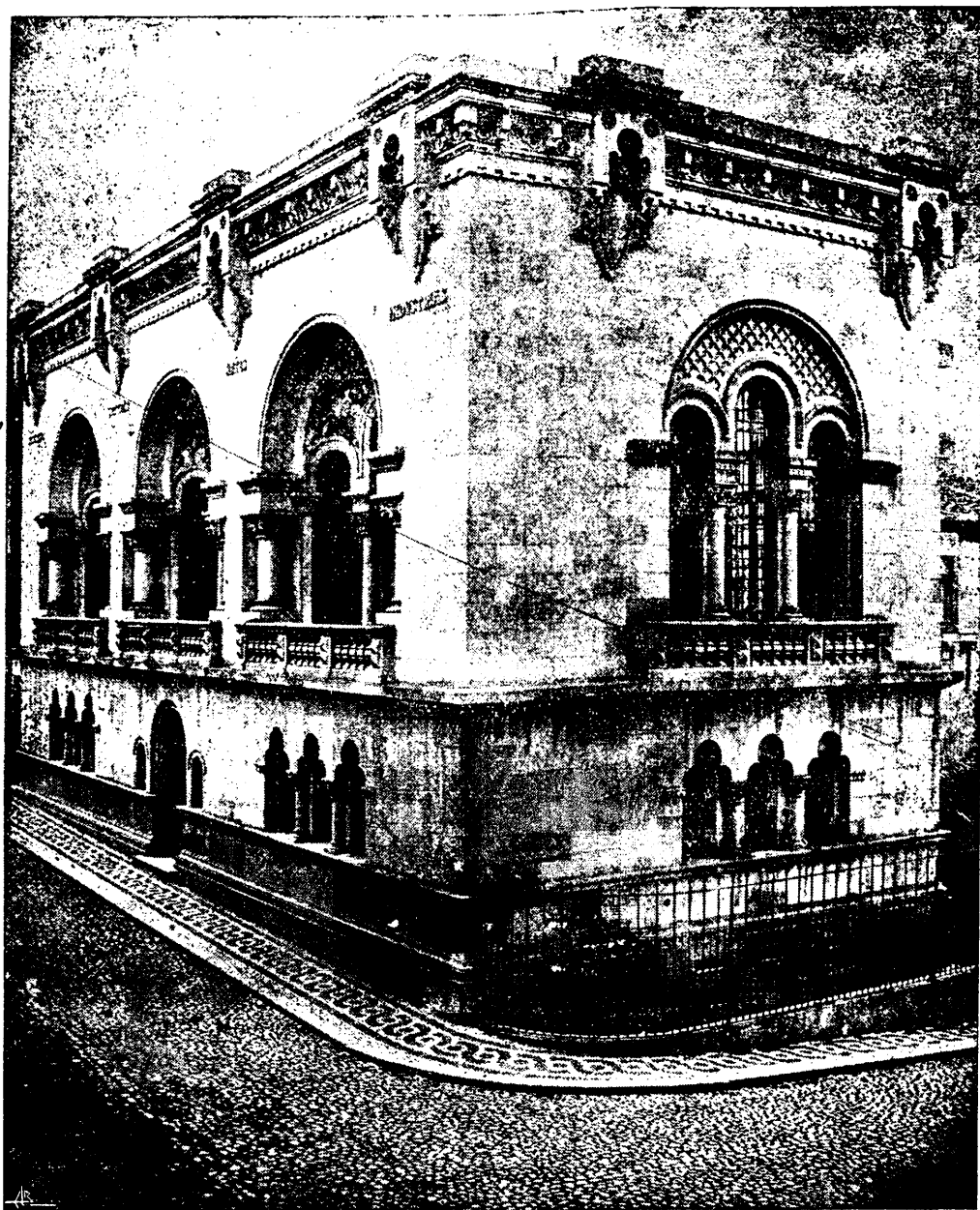
com o coração do primeiro rei, o coração de Portugal. Sabemos dever-lhe o que fomos, e o que somos dele vem ainda — vivermos livres na nossa terra e honrados na terra alheia».

Pouco mais de uma década é volvida, e neste ano se comemora o milénário de Guimarães. Nasceu o pequeno burgo, pátria de Afonso Henriques, à sombra venerável do Mosteiro erguido pela piedade da condessa Mumadona, na sua quinta de *Vimaranes*, em cumprimento de disposição testamentária de seu marido, o Conde Ermegildo Mendes — o mosteiro dúplice dedicado ao Salvador do Mundo, à Virgem Maria e aos Santos Apóstolos, sob a regra de S. Pacómio. E este facto deu-se há precisamente mil anos, nos meados do sec. X.

Em redor do mosteiro proliferaram as habitações, desenvolveu-se o povoado, como sempre sucedia. E de tal modo que, poucos anos volvidos, levantava-se sobre a colina a Norte do convento, a torre de defesa que ainda hoje existe, transformada na torre de menagem do Castelo de Guimarães, fulcro venerável e glorioso da fundação da nacionalidade portuguesa, monumento da mais alta importância histórica, testemunha altaneira e eloquente, na mudez das suas pedras vetustas, do nascimento de Portugal.

É junto destas venerandas construções que se desenrolam, nos séculos seguintes, as páginas gloriosas da história que nos contam a eclosão dos sentimentos de independência, as lutas e a vitória final dos esforçados barões de Entre-Douro-e-Minho, cujo chefe natural é Afonso Henriques, o primeiro Rei português. É a história da vila de Guimarães continua pelos séculos fora, residência de reis, sede da Corte, nobilíssima entre todas as povoações portuguesas, encerrando nas suas muralhas o velho convento de Mumadona, o Santuário de Santa Maria de Guimarães, um dos três mais célebres santuários peninsulares durante toda a Idade Média, onde todos os reis da primeira dinastia foram em peregrinação devota, bem como grande parte dos da segunda.

Nas suas ruas cheias de carácter e pitoresco, os velhos e gloriosos monumentos da arte e da história portuguesas sucedem-se pelos séculos fora, dando-lhe um extraordinário cunho de nobreza e monumentalidade. E, de entre os seus fastos, outro este ano se comemora, também de subida importância na vida da ilustre povoação: a sua elevação a cidade, pela rainha D. Maria II, em 22 de Junho de 1853. Um e outro acontecimento, — datas célebres de cidade tão célebre na história de Portugal — vão ser dignamente comemorados, por iniciativa das entidades locais. Mas por que se trata da cidade da terra-berço de Portugal, nem só Guimarães celebra com justificada alegria o milénário da sua fundação e o centenário da sua elevação a cidade: associando-se a ela está toda a Nação, com o Chefe do Estado à frente, honrando com a sua presença as festas vimaranenses e simbolizando a presença de todos os portugueses junto do Castelo histórico e entre o laborioso povo da região.



SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Da meada na dobadoira...

(Continuação da pág. 5)

com um ano, a seguir a outro, de carestia de pão e de vinho. A carne era pouca e os marchantes cortavam-na mal. Depois, o susto da peste, que grassava em Espanha. Mais do que tudo — o vento da ideia nova, germinada em França. A Rainha, cujo espírito era de sua natureza tímido e supersticioso, caíra, golpeada de íntimos desgostos, nas sombras da loucura. A Espanha declara-nos guerra. João Luís A'lvares, de Guimarães, é nomeado Tenente do Facho, que devia estabelecer-se no Monte de Espinho para se corresponder com o da Falperra e de Carvalho d'Este. Batidos, perdemos Olivença pela assinatura do tratado de paz. Mas era a guerra, com as invasões francesas. E, mal arrumadas, com heroísmo e miséria, desvairadamente, e por longos anos, nos perdemos, lançando-nos como lobos esfaimados na guerra civil. Todos aqueles anos, dia por dia, e no segredo da noite, haviam decorrido de armas na mão, em assaltos, carnificinas, traições e roubos. Fôí assim que se criou o tipo do salteador e do bandido. Esses que, como tais, agora se estavam apontando às iras dos tribunais, vinham da escola nacional das lutas civis. E mais dez ou quinze, cerca de vinte, mesmo, se atropelam e perdem em novos recontros, novas assuadas, intencionadas, pronunciamentos, política de facções, jogo de interesses, o carácter amolecido, a alma em espasmos de agonia tibia.

Nós só conseguimos começar a reagir em 1884: e é esta a data a fixar na história vimaranense contemporânea.

E felizmente, houve uma geração de nossos homens, capaz de enfrentar o problema e começar a executar um plano sério de realizações positivas. Quer isto, porém, dizer que não foi justa, ou precoce, a elevação de Vila a Cidade, feita em 1853 pela Rainha D. Maria II, ou que não seja de rememorar a data? Não, não. Se há reparo à mercê, é apenas da sua tardança. Pela aristocracia da sua estirpe na Terra Portuguesa, Guimarães tinha, desde os afonsinos, direito a esse tratamento. E grangeara-o mais, no decorrer dos séculos, pelos feitos da sua gente nas armas e nas letras, no comércio, na indústria e na agricultura. Os anos de setecentos, sobretudo, marcam para nós um progredimento contínuo, que só o do Porto trabalhador pode superar. Nosso nome ficou indelévelmente ligado a certas indústrias, algumas absurda e desleixadamente abandonadas. Vivemos os anos agitados de oitocentos ao rubro de todas as paixões. Tenho aqui apontamentos de alguns, que são um romance em cada página, e, por vezes, uma novela por dia, em farsa ou drama e até mesmo em tragédia. Os homens de 1884 quando, atinadamente, pensaram na Exposição, então de todo justificável, tinham em mente a desafiante à somenice, com que eramos tratados, com a prova provada do que era o nosso valor em trabalho — e este prende-se de elo em elo, na história da nossa vida, através de sucessivas gerações.

EDUARDO D'ALMEIDA

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

O Senhor Presidente da República chega a Guimarães no dia 22 de Junho, data do centenário da elevação a cidade da vila de Guimarães pela Rainha D. Maria II. O programa da visita presidencial compreende:

De manhã, recepção do Chefe do Estado; à tarde, Sessão comemorativa da fundação de Guimarães e da elevação a cidade da vila do mesmo nome, num dos salões do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães, sob a presidência do Chefe do Estado; à noite, jantar de gala em honra do Chefe do Estado.

Dia 23 — De manhã, visita a diferentes monumentos e obras públicas e inauguração da obra geral de abastecimento de água à cidade; de tarde, inauguração da Exposição Agrícola e Industrial; à noite, recepção no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães, iluminações, arraiais e fogo de artifício.

Dia 24 — Dia de S. João e aniversário da Batalha de S. Mamede: De manhã, Comemoração da Batalha de S. Mamede, com Missa campal, celebrada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, e hasteamento no castelo, pelo Chefe do Estado, da bandeira de D. Afonso Henriques. Partida do Chefe do Estado.

As comemorações continuam em Julho e Agosto, com o seguinte programa: Em Julho: Procissão de S. Torquato. Celebração do Primeiro Tratado de Amizade com a Inglaterra, assinado em Tagilde (Guimarães). Exposições, conferências e festivais.

Em Agosto: dia 1, 2 e 3,

Festas Gualterianas (Festas da Cidade).

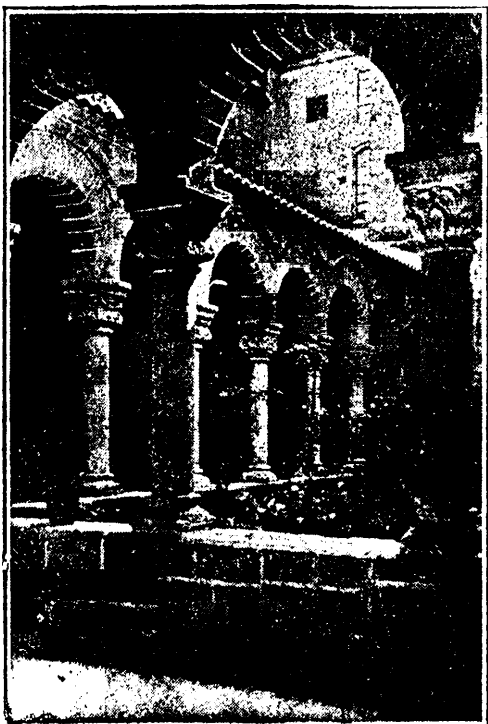
Dia 14 — De manhã: Comemoração da vitória de Aljubarrota; Festa do Pelote, com Missa campal no altar tomado na batalha. Será celebrante Sua Ex.^a Rev.^a o Sr. Bispo da Guarda. De tarde: Homenagem dos municípios do País à terra vimaranense, no salão do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães. Fará a saudação o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. A' noite: Jantar de gala.

Dia 15 — De manhã: Te-Deum presidido por Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em acção de graças pela fundação de Guimarães. De tarde: Soleníssima procissão de

Santa Maria de Guimarães com a assistência de diversos prelados e de várias Confrarias Marianas da província de Entre-Douro-e-Minho. A' noite: Festival no pátio do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães. Iluminações, fogo de artifício, etc.

Os primeiros teares mecânicos surgem em Guimarães no Ano de 1885

Um aspecto do Claustro do famoso Museu Regional Alberto Sampaio, onde se guardam verdadeiras preciosidades.



Dr. Francisco Martins Sarmiento, sábio arqueólogo de renome internacional.

INVOCACÃO

GUIMARÃES E A SUA ASSISTÊNCIA

A epopeia principiou aqui, nestas terras e nestas muralhas. Foi uma rebeldia altissonante e generosa que só podia consumir-se na plenitude de sonhos soberanos, com a graça omnipotente de Deus e o beneplácito de Maria. E porque não? Era gente guerreira e cristã, com um destino tão singular na vastidão atlântica, que foi única pela universalidade conceptual e científica de dar ao mundo novos mundos.

Sim, a epopeia nasceu aqui. Grito guerreiro de almas e corações, na ansia vibrante, no desejo fremente, no querer vigoroso da independência que fez um povo e gerou uma Nação, que veio a ser o fanal da Civilização e o expoente das aventuras que rasgaram mistérios no mar e entenebrecimentos na selva.

Que gente aquela e que destemor inaudito na peleja e no terçar sangrento com a moirama que tinha labaredas de revindicta e assomos terríficos nas invasões em massa!

Pela Península tinham jornadaado os povos marítimos e nas investidas contra os romanos, Viriato era já um símbolo da Lusitânia. Por cá andaram os bárbaros — vandalas, suevos, alanos e visigodos. Os árabes com a sua Civilização. Mas a verdadeira epopeia, a epopeia da história de Portugal, veio depois, no imponderável dos acontecimentos que propiciaram a junção de Leão e Castela e nos factores geográficos que determinaram, em grau elevado, a concretização da ideia nacional.

A epopeia principiou aqui, nestas terras e nestas muralhas, com esse Rei Conquistador que não suportava tutelas. Foi ele a figura máxima do alvorecer, a imagem viril de uma grandeza que se transformou em clarão. «S. Mamede» foi a luta dos partidos, mas Ourique, Valdevez, Santarém, Lisboa, Sintra, Almada, Palmela, Alcácer do Sal, Évora, Beja, etc., foram as batalhas de uma epopeia. Foram a afirmação duma soberania. O desenrolar lento mas seguro da *personalidade rática*. A construção dum Império que abrangia continentes, alastrando pelos confins da África e do Oriente os seus prodígios de força, de saber e de evangelização.

As *Festas Milenárias* de Guimarães revestem-se, como nenhuma outra, dum poder sugestivo, duma atracção histórica que ressumbra toda a opulência majestática do passado. Esta realidade fulgurante e eterna — metamorfose e síntese de todos os heroísmos humanos — domina, assombra, esmaga: **aqui nasceu Portugal!**

Depois, nesses monumentos seculares, nessas moles graníticas, nessas espantosas relíquias da arquitectura e da arte, que são a consagração perenal da força, do heroísmo, da fé e da vontade hercúlea de antanho, anda o mistério indecifrável, a toada sortiliga de qualquer coisa de estranho que se adivinha mas não se compreende, da epopeia portuguesa que nasceu um dia... Talvez em 1112, com esse moço que veio a armar-se cavaleiro em Zamora, afirmando-se logo o maior Rei de Portugal.

Ao olhar aquele Castelo fundado por Mumadona, sente-se a irradiação fulgurante do milagre da independência. Acendeu-se ali o fogacho que iluminou os caminhos do mundo e as rotas dos mares para os portugueses aventureiros e cristãos. O Castelo é a Catedral da História. É o Monumento Primeiro da Pátria. O espírito épico, belo e grande de Afonso Henriques abençoou aquelas pedras, aquelas ameias, que são a afirmativa da braveza ancestral e indómita de uma raça, na vastidão do Infinito.

E a história, a epopeia, principiou assim, nestas terras e nestas muralhas — rebeldia de espírito insubmisso logo transformada em grito imperial. Depois, escreveram-se as mais extraordinárias páginas épicas, que mais parecem milagres — na África, na Índia, no Brasil... Terra de heróis e de heroínas, de guerreiros e de santos!

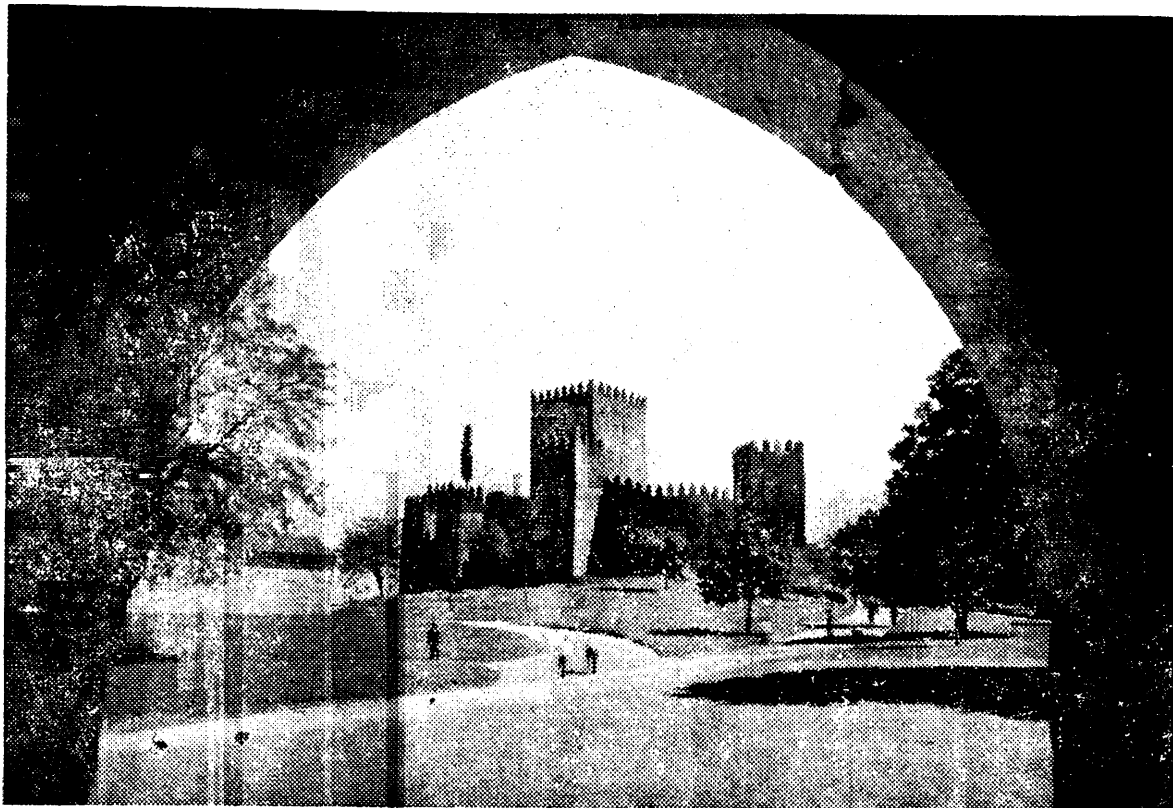
Guimarães, fulcro histórico, está em festa. Festa que galvaniza os sentimentos nacionais. Revoada do júbilo que faz estremecer a Pátria de comoção — a Pátria que nasceu aqui!

As pedras velhinhas e gastas falam-nos, na mudez e no mistério da arte, a linguagem clamorosa do que é grande e murmuram-nos a ladainha lírica, a litania da saudade que se perde na penumbra... Ficam-nos a jeito para a veneração dos heróis que fizeram História tão linda. São a perpetuidade monumental de todos os heróis, até dos que se perderam nas plagas ardentes de Alcácer-Quibir e dos que sonharam — drama e glória — a magnificência cândida do Regresso... (A dor, ao longe, como um adeus em *pizzicato!*)...

Ao comemorar, ainda, o Centenário da sua elevação a cidade, Guimarães vai dar-nos uma manifestação exuberante, colorida, cheia de perfume e de atractivos, da sua etnografia e do seu folclore, enquadrada na robustez da sua actividade industrial, que é poderosa e representa um factor económico de importância capital na vida da Nação. Saudamo-la!

1953

SOUSA MACHADO



O famoso Castelo da Fundação

Aqui trabalha-se!

O certame das actividades económicas que aí se patenteia, será, mais uma vez, prova real dos grandes recursos industriais da nossa terra.

Não haverá na interessante galeria do trabalho, como há décadas atrás, uma quermesse variadíssima de manufacturas. A nossa laboriosidade fabril avassalou o trabalho de mãos. A máquina é hoje quem dirige o grosso da produção.

A Oficina cedeu à Fábrica os seus triunfos.

Com o andar dos tempos, mais recua a produtividade oficial.

Quantos problemas se patenteiam aí na Exposição!

Venham os economistas, os técnicos, os engenheiros, os professores, os artistas, os sociólogos, os etnógrafos, para os estudar.

Ai, os etnógrafos! só esses se lastimarão de não verem nos produtos expostos aquele cunho pessoal do artífice, aquela vibração idiossincrática tão peculiar ao trabalho de mãos, agora que a oficina cedeu à máquina o seu lugar.

Uma galeria, como é a do trabalho vimaranense, constitui um panorama atractivo de múltiplas facetas para estudo.

A Exposição Industrial de 1884, foi certamente mais sugestiva pela multiplicidade dos trabalhos. Não obstante, o presente certame não deixará de oferecer aspectos dedutivos muito apreciáveis.

Tivemos na primeira das nossas Exposições concelhias, — da iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento, — uma série de homens ilustres que a relataram proficientemente:

Dr. Joaquim de Vasconcelos, o sábio mestre, escreveu longos e substanciosos artigos em um diário português; A. de La Roque, Ivanwtch, Pereira Caldas, o polígrafo Manuel Pereira Leite, autor da «Indústria Portuguesa», o etnógrafo Gomes Pereira, e, sobrelevando-se a todos, esse atlante da Exposição e seu relator, o historiador excelso, Dr. Alberto Sampaio, que, só à sua parte, escreveu dezoito longos artigos de análise crítica ao notável certame.

Quem virá, nesta hora, estudar a nossa Exposição?

Que ela oferecerá amplos horizontes para dissertações apreciáveis, não sofre dúvida.

Muitos a observarão a vo-

coisa subsiste, no tempo e no espaço:

Guimarães industrial, não se deixou ficar estático na contemplação do seu trabalho de mãos; aceitou as reformas dos tempos hodiernos e seguiu a seu par!

Se algumas indústrias pereceram, não acompanhado o progresso, outras novas indústrias surgiram.

Se o fenómeno transformador e renovador deixou ficar pelo caminho muitos vencidos, nem por isso deixamos de aumentar o nosso património de riqueza económica projectando-o no futuro.

Quantos problemas se patenteiam aí na Exposição!

Venham os economistas, os técnicos, os engenheiros, os professores, os artistas, os sociólogos, os etnógrafos, para os estudar.

Ai, os etnógrafos! só esses se lastimarão de não verem nos produtos expostos aquele cunho pessoal do artífice, aquela vibração idiossincrática tão peculiar ao trabalho de mãos, agora que a oficina cedeu à máquina o seu lugar.

Uma galeria, como é a do trabalho vimaranense, constitui um panorama atractivo de múltiplas facetas para estudo.

A Exposição Industrial de 1884, foi certamente mais sugestiva pela multiplicidade dos trabalhos. Não obstante, o presente certame não deixará de oferecer aspectos dedutivos muito apreciáveis.

Tivemos na primeira das nossas Exposições concelhias, — da iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento, — uma série de homens ilustres que a relataram proficientemente:

Dr. Joaquim de Vasconcelos, o sábio mestre, escreveu longos e substanciosos artigos em um diário português; A. de La Roque, Ivanwtch, Pereira Caldas, o polígrafo Manuel Pereira Leite, autor da «Indústria Portuguesa», o etnógrafo Gomes Pereira, e, sobrelevando-se a todos, esse atlante da Exposição e seu relator, o historiador excelso, Dr. Alberto Sampaio, que, só à sua parte, escreveu dezoito longos artigos de análise crítica ao notável certame.

Quem virá, nesta hora, estudar a nossa Exposição?

Que ela oferecerá amplos horizontes para dissertações apreciáveis, não sofre dúvida.

Muitos a observarão a vo-

Se a tradição histórica de Guimarães constitui o seu maior Padrão de patriotismo e, por isso, invoca a nacionais e estrangeiros a projecção de um passado que transformou esta vetusta e gloriosa terra em berço da Nacionalidade, não é de estranhar que os Vimaranenses manifestem a grandeza da sua satisfação e o fulgor do seu entusiasmo ao celebrarem o Centenário da Cidade e o Milenário da sua fundação. Com igual satisfação e igual entusiasmo se devem manifestar todos aqueles que, embora não sendo Filhos de Guimarães, lhe consagram a devoção de se ajoelharem junto dos seus Monumentos que representam sagradas epopeias da Pátria e que simbolizam factos que a tornaram grande entre as maiores. E assim, através das pedras denegridas desses Monumentos e do significado que eles têm, nós poderemos abranger o inconfundível e destacado horizonte deste maravilhoso Altar da Pátria, iluminado pela luz bendita da integridade desta e aquecido pelo calor do heroísmo de todos os portugueses dignos deste nome.

Porém, não é apenas a tradição histórica que coloca Guimarães em plano de superior grandeza, visto que outros factores concorrem para a justificação da sua importante categoria, entre os quais encontramos o da sua Obra assistencial, vinculada em várias modalidades e prosseguida em ritmo acenadamente progressivo.

São várias as Instituições de Assistência que se encontram na cidade e concelho, destacando-se como mais antiga a Misericórdia da Sede, que, não obstante a

beneficência da sua Irmandade ser de data muito mais remota, só em 1606 instalou o seu Hospital nos prédios que então possuía — e continua a possuir — junto da sua Igreja, situada no Largo do Conselheiro João Franco, de onde foi transferido para o actual edifício, nos Capuchos, em 13 de Junho de 1843; em 31 de Julho de 1815, foi inaugurado o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco e em 26 de Maio de 1840, o da Ordem de S. Domingos.

Em Asilos, para velhos entretidos de ambos os sexos, existem o de S. Paio, a cargo da Misericórdia, e fundado em 1844; o da Ordem de S. Domingos, fundado em 1854; o da Ordem de S. Francisco, fundado em 1858; o de Santos Passos, fundado em 1876, e ainda o de Donim, na mesma freguesia, e o de Sousa Martins, em Vizela, também pertencentes à Misericórdia de Guimarães.

Para crianças pobres, do sexo feminino, tem Guimarães o Asilo de Santa Estefânia, Amor de Deus e do Próximo, inaugurado em 16 de Julho de 1863.

Todos estes Asilos se encontram com uma lotação muito superior à prevista nos legados dos respectivos Benfeitores, consoladora realidade, sobretudo, da iniciativa particular. De fundação mais recente, existem as Oficinas de S. José, a Casa dos Pobres da cidade, a das Taipas, a do Pevidém e a de Vizela, esta a funcionar na Misericórdia daquela vila, à qual foi entregue, em 29 de Outubro do ano findo, a Administração do Hospital António Francisco Guimarães, onde também se inte-

(Continua na 10.ª pág.)

FORAM OS CUTELEIROS DE GUIMARÃES OS PRECURSORES DA SUA INDÚSTRIA EM PORTUGAL

de asa, a correr, como quem tem pressa.

Outros, detendo-se, a saberão meditar, reflectidamente, pelo contexto dos produtos e mais pelos exemplos oferecidos nos gráficos e quadros estatísticos.

À frente das várias modalidades de trabalho, na vanguarda de todas as indústrias, vão as têxteis.

O quadro estatístico correspondente ao último decénio, é suficientemente esclarecedor:

ESTABELECEMENTOS	1940	1945	1950
Fiações	4	4	4
Tecelagens	69	95	147
Unidades completas	15	15	15
Oficinas caseiras	×	×	35
Urdidores	×	×	(1) 60
Total	88	114	261
FUSOS			
Para máquinas preparatórias de fiação—Torces	21.229	26.731	21.052
Para fiação	93.460	98.688	99.016
Para torcedura	13.860	15.128	17.538
Total	128.549	134.547	137.606
TEARES			
Mecânicos	2.954	3.521	5.000
Manuais	589	501	787
Automáticos	×	2	92
Total	3.543	4.024	5.879

(1) Movimento Ignorado.

Foi no ano de 1885 que se introduziu na indústria de tecelagem o tear mecânico, sendo dois do tipo *Jacquart*. Anteriormente a essa data todos os teares manuais.

fornecedora do fio para a tecelagem. Hoje, pouco mais é que um símbolo do labor feminino.

A. L. DE CARVALHO

LENDAS DE GUIMARÃES

GUIMARÃES, a nobre, a vetusta, aquela a quem, no dizer do ilustre homem de letras, Fidelino de Figueiredo «Coube a honra excelsa de ser Pátria da Pátria Portuguesa» está em festa.

Celebra o centenário da sua elevação a cidade que a Rainha Educadora, após uma visita ao Norte do País, lhe concedeu por carta de lei de 22 de Junho de 1853.

Celebrá-lo-á, não duvidem, com aquela ildalguia e baírrismo que é apanágio dos vimaraneses cujo coração pulsa sempre bem alto pela sua terra — a sua dama —. É que eles não ignoram que têm tradições a cumprir.

A nossa terra é notável não só pela sua história — o seu egrégio passado — como pelas suas paisagens de maravilha, seus monumentos e pela formosíssima estância da Penha; notável é também, ainda, nas artes, nas letras e nas indústrias. Pode pois deslumbrar os forasteiros com as suas múltiplas facetas.

Da sua vida do espírito falar-vos-ão a douta Sociedade Martins Sarmento, as suas bibliotecas e os seus museus.

Pelas suas indústrias responder-vos-á eloquentemente a grandiosa Exposição.

Guimarães, porém, não se deixa adormecer à sombra dos louros do passado, vai aumentando os seus limites com a parte nova que cresce e se expande sem em nada a prejudicar, antes até valorizando-a pelo contraste com o seu burgo de antanho que a tem feito comparar, por estrangeiros ilustres, a Bruges ou às cidades medievais da velha Alemanha.

Todas as terras antigas possuem lendas e a velhinha Vimaranes está recheada delas... Cada pedra quase tem uma para nos contar.

Ele é a de Santa Catarina, pastora, colocando velas acesas nos chavelhos das ovelhas do seu imenso rebanho, na montanha da Penha, para semelhar um grande exército pronto a investir, salvando assim a remota Celióbriga da invasão dos bárbaros comandados pelo feroz Ataúlfo que, iludido pelo estratagemma, se retirou espumando de raiva.

É a do Rei Wamba, varão douto e justo, que reinou no século VII e nos dizem estar sepultado na igreja de São Paio de Vizela.

É a de D. Tereja (ou Teresa), mãe de Afonso Henriques, cuja voz do povo afirma ter estado presa por grossas cadeias (que ainda hoje se mostram no Castelo) após as suas hostes terem sido derrotadas na Batalha de S. Mamede, e muitas, muitas outras, mas todas envoltas na poalha doirada do tempo e da poesia saudosista...

Li há pouco uma que embora me não fosse totalmente desconhecida me prendeu a atenção por ser diferente de outra que já ouvira. Vou referir-vos-la por se prender com a nossa preciosa igreja de Santa Maria da Oliveira, que foi lugar de devota peregrinação, até aos fins do século XVI, para muitas e variadas gentes, pois com o Mosteiro de São Tiago de Compostela e Nossa Senhora

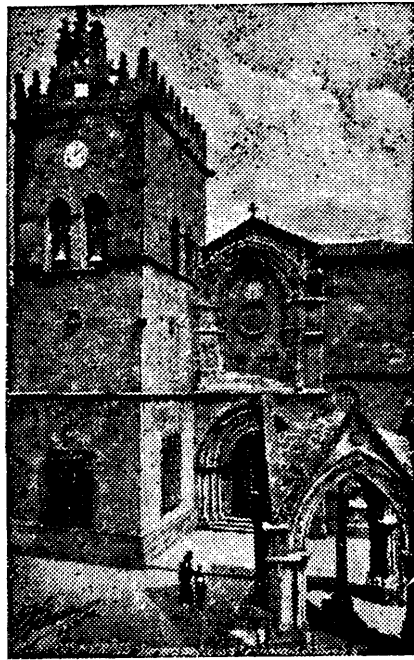
de Guadalupe constituíam os três santuários mais célebres da Península.

Diz-nos a lenda que existiu, em tempos remotos, junto à primitiva igreja de São Torcato, uma frondosa oliveira que dava o azeite para a lâmpada do Santo.

Por motivos que a lenda não conta resolveram transportá-la para em frente do templo de Santa Maria, mas a árvore secou.

Em 1342 Pero Esteves, a quem seu irmão Gonçalo Esteves mandara uma cruz que comprara na Normandia, fê-la colocar próximo da igreja e perto, por acaso, da ressequida oliveira. Três dias depois a árvore, recuperando o viço, reverdecia com toda a sua pujança, cobria-se de folhas e mais tarde de frutos.

Correu célere a notícia e logo da vila, e de muitas outras partes, começaram acorrendo curiosos e devotos para verificar o prodígio. De aí para cá, afirma-se, foi que se começou a conhecer a Nossa Senhora da Colegiada sobre a invocação de Santa Maria da Oliveira.



Santuário de Santa Maria da Oliveira—Colegiada

O cruzeiro lá está ainda junto do chamado Padrão da Vitória, mandado erigir por D. Afonso IV quando ali veio em peregrinação após a Batalha do Salado; da oliveira é que não restam vestígios...

Como vedes, mais uma lenda a juntar a tantas outras, mais um traço de união entre o presente e o passado aureolando, com o seu encanto e doce sabor, a nossa terra e o templo precioso onde todos os reis da primeira dinastia vieram em devota peregrinação.

Seria por ventura D. João I que a reconstruiu e lhe trouxe os ricos despojos apreendidos a el-rei de Castela, na Batalha de Aljubarrota, o último rei que aqui veio peregrinando? Tudo o leva a crer.

Mas até da visita do rei de Boa Memória a Guimarães nasceu uma outra lenda. Conheceis o Padrão de D. João I, não é verdade? Pois a tradição afirma-nos que o primeiro soberano da dinastia de Aviz veio de joelhos, desde o lugar onde foi erguido, para comemorar esse feito, até ao templo de Nossa Senhora da Oliveira, cumprindo uma promessa. A realidade dos factos foi muito outra, mas seja assim; uma lenda é sempre a forma idealista de vincar na imaginação do povo o culto por um passado glorioso.

E mais não digo para que não qualifiqueis de exagerado o meu baírrismo, mas vou repetir-vos, como fecho, as palavras não menos quentes, nem menos vibrantes, de uma voz, infelizmente já extinta, a do sábio professor Dr. Gomes Teixeira:

«GUIMARÃES É UMA CIDADE RELIGIOSA, PIDALGA, DOUTA, INDUSTRIAL E AGRÍCOLA, É O BERÇO DE PORTUGAL, É A CIDADE SANTA DOS PORTUGUESES».

1.º Centenário da Cidade — 1953.

ZITA DE PORTUGAL

VAMOS solenemente comemorar um milénio de existência do nosso burgo vimaranes e um centenário de bem merecido usufruto de foros de cidade.

A nossa Guimarães, terra velhinha, que já ascende os primórdios da nacionalidade, veste-se de galas, para receber, dignamente, na sua casa humilde, todos os seus visitantes, desde os mais notáveis e ilustres aos mais obscuros e modestos.

E eu, que tenho a dita de viver a Hora desta comemoração, embora acabrunhado pelo peso dos sinais do tempo que o mundo actual vive e sofre, sinto-me animado, pelo Amor à Terra, a afastar de mim tristes pressentimentos e maus presságios e dar liberdade à alegria, para que ela se expanda e faça causa comum com os meus conterrâneos, nestes dias de regresso que, para nós, jamais voltarão.

Eis-me aqui, pois, para acompanhar o nosso querido «Notícias de Guimarães», na sua edição especial e comemorativa da data que

festejamos, como cidadãos vimaraneses.

E, agora, que direi eu, em referência a este momento histórico?

Falar de Guimarães aos portugueses será o mesmo que falar de Roma aos católicos ou de Meca aos povos árabes.

Guimarães figura nos compêndios da História de Portugal, como sendo o berço da Nação. Aqui, nasceu e viveu, dentro das muralhas do nosso vetusto castelo, o vimaranes e português número um, o Fundador da nossa Pátria. Aqui, nasceu Portugal.

E não será isto razão bastante, para que nenhum português deixe de vir, em romagem de Amor Pátrio, pelo menos uma vez na vida, visitar este lugar digno da veneração de todos os portugueses?

Ao contemplar, do alto do castelo, a área da antiga vila, numa evocação do passado, parece-me ver surgir, diante dos meus olhos, a linha sinuosa dos seus muros primitivos e que ouço o estrépito da cavalaria de Afonso VI de Leão,

apertando cada vez mais o cerco à sua volta.

O jovem e intrépido Afonso Henriques, lá de cima das ameias do castelo, observa o movimento, mas não cede.

Egas Moniz, o aio dedicado, bem conhecedor do carácter do seu pupilo, interveio com promessa não cumprida, mas o cerco foi levantado e Guimarães ficou liberto.

Travaram-se, de seguida, as batalhas que asseguraram a nossa independência firmada e reconhecida pelo tratado de Zamora. E, embora o prometido tributo de quatro onças de ouro ao Papa não tivesse sido pago, Portugal nasceu, venceu e triunfou, mercê do pulso firme do seu Fundador.

Eis, resumidamente, aquilo que constitui a órbita em que gravitou a GRANDE pequena vila de Vimaranes, no seu momento histórico de primeira capital do nosso País. Salientou-se, pois, esta terra privilegiada na fundação do Lar

(Continua na décima página)

Poema à Cidade

POETA

Pedras vetustas, evocai, falai...

(E um ai
Pelos soneiros múrmuros rebôa,
Grito de beijo que apregôa
Ainda
O amor impuro de Tereja linda...)

Daqui a Pátria é que nasceu, Cidade.
E, batalhando, o prócere afonsino
À lusitanidade
Rasgou a névoa azul do seu destino:

E vai, alma de herói, talhando o chão
Da grande pátria que nascendo vai;
Leva-a no peito, a arder, como um clarão
(Sonho de poeta em coração de leão)
Afonso Henriques, nosso Rei e Pai.

De montante nas mãos, e cada dia,
Ao romper da manhã nacional,
Esse guerreiro audaz,
Enérgico e tenaz,
A pouco e pouco ia
Alargando o poder de Portugal.

E foi assim que esta Nação nasceu:
Ao fragor das batalhas arrojadas,
Entre gritos, e prantos e ciladas,
E olhos em prece, erguidos para o Céu.

E foi em ti que ela nasceu, Cidade:
Corpo de hóstia no altar, asa de ninho,
Tu lhe ensinaste o lúcido caminho
Da Honra, do Dever, da Liberdade!

Depois,
Corporizando o arrôjo batalhante
Do escol afonsino,
Competia levar mais adiante,
E p'ra maior destino
(Ergue-la até aos sóis)
Esta pátria atlântica e feliz:
E um pastor de ilusões,
Que amava os róseos sonhos, D. Dinis,
Funda a Universidade
E prevendo o futuro
Arboriza Leiria,
Preparando a Nação para a verdade,
Para a certeza oceânica do Mar!

Mas um momento escuro
Na história da Pátria ressurgia:
A cobiça ancestral
Do reino adversário de Castela;
E era preciso perecer, lutar.

— Ergue-te, Infante de Portugal!
Luta pela Pátria, morre por ela!

O' corações da «Ala dos Namorados»,
Que ides fazer? Que ides fazer, soldados?
— Vamos com sangue e com D. Nuno, vamos
Com pedras de ara e com punhais, lutar:
A Pátria só é grande se a ganhamos
Com sangue que tivermos p'ra lhe dar!

E tu viste travar-se
Uma batalha homérica, Cidade.

Aljubarrota é uma epopeia e é
Um testemunho nacional de Fé:
Diz-nos que um povo só é grande e forte
Quando ama apenas: Liberdade ou Morte.

Liberdade, Liberdade,
Em Portugal há-de amar-se...

O dinasta de Aviz
Reinicia então
O grande ciclo de
— O' príncipes per
Pátria que o Mar,
Onde há povo que
Maior que tu, povo
E o Infante de Sagr
Perscrutando os mis
Devassava o arcan
Dessa bíblia atlântica
Gloriosa e imortal,
Que nos abriu as r
Das viagens heróic
De além-dor e de
Símbolo augusto d

Tudo fizemos com

Vão-se mar-fora as
Vão-se mar-fora as
O' corações, vamos
À luz argêntea das
Contra maus ventos

Pendões de el-rei,
Ao fremir da avent
Assim fomos, cant
E para além do cab
Nós dobrámos a dor
E fomos a essa Índia
Que nos fez grandes

Olha o teu sonho re
Um reino de ouro, f
Quem há que não
Com o mundo na m

Lisboa era a capital

de Guimarães

ribaldi

Mas de novo esvoaça,
Asa de corvo, a asa da desgraça,
Ave que passa pela nossa História,
De bico adunco e de sangrentas garras:
Cadáver de ilusões, a nossa glória
Ao pôr-do-sol de Alcácer sucumbia,
Como hua virgem fria
Que em esquife de rosas vai p'ra a morte
Num embalo choroso de guitarras...

— Ai guitarras de Alcácer, ai sereias
Da tentação e da má-sorte!
Olhai algemas e cadeias,
Sobre a Nação, olhai a morte!

Começa a grande noite portuguesa:
Um cativo de sessenta anos,
E, enquanto a plebe, embrutecida, reza,
A fidalguia adere aos castelhanos.

Morre Camões com a Nação que morre
E seu cântico ardente
Semelha o sol que ao fenecer da tarde
Doira de luz de riso resplendente
As pedras velhas duma velha torre...

E tu sofreste essa opressão, Cidade,
Que vexava a Nação.

Em cada coração
O espectro de D. Nuno, blasfemando,
Corpo da pátria atlética, chorando,
Como um tufão de ódios em tempestade,
Erguia-se e bradava: ergue-te e luta,
Povo de Portugal, povo cobarde!

P'ra cada alma honrada
Esta voz era um cálix de cicuta
Ou uma chicotada...

E surge mil seiscentos e quarenta
E novamente volta a Liberdade:
¿Que mau agoiro tenta
Empanar-nos a luz, a claridade?
E quem pode domar as nossas vidas
Temperadas em trágicas batalhas?
Nossos rasgões, e lágrimas, e feridas
São as nossas mais lídimas medalhas...
¿Que país opressor
Acaso tenta escravizar um povo
Navegador?

Erguia-se como flor um Verbo Novo
De frémito e combate.
E ao júbilo nacional rejubilaste,
Cidade de vitória e de resgate!

Terra de Guimarães,
Cidade-mãe de Portugal, cidade
Sempre eterna e bendita
Que em cada pedra tens
A história heróica da Nação escrita!

Rufo e tambor, rufo e tambor,
Riso de estrofe e de canção,
Quem vai à frente da Nação,
Quem vai?
E' Guimarães, estrêla e flor,
E's tu, Cidade!

Pedras augustas, atroai, cantai!

(Inédito)

Braga, 53.

A NOSSA TERRA

CESEM todos os queixumes que possam empanar o brilho das festas, que Guimarães celebra em comemoração do milenário da sua fundação e do centenário da sua elevação à categoria de cidade. A discricção tem agora oportunissimo cabimento, não vão maus e invejosos vizinhos da porta, atentos sempre às nossas desinteligências, arengar chocarrices que ponham irritante nota em nosso arraial de justificada alegria.

Este *nacionalismo* restrito, vibrante e acolhedor, originário do bom hábito de amarmos apaixonadamente o torrão em que fomos nados e criados, é em tudo semelhante ao amor da família, pequena colmeia em cujo seio iniciamos e prosseguimos, tristes ou contentes, a labuta que constitui o enredado mistério da vida. De lá vem tudo, ou o bem que galvanisa e assegura a felicidade, ou o mal que perverte e ensombra a existência.

A velha Araduça, que se foi desenvolvendo aos poucos, aqui, pertinho de nós, e conseguiu afinal destacar-se como povoação digna de ascender até à altura em que hoje a vemos, tem jus a que lhe teçamos o nosso preito, embora descolorido, para que não se diga que, obliterando a sua marcha ascensional, criminosamente nos desinteressamos do seu progresso.

Num acorde bem estrepitante, que seja como um pregão que se repercute muito longe, soem fanfarras e elevem-se vozes de saudação e aplauso, em sinal de que, festejando o presente, aguardamos confiados que o futuro venha a ser ainda mais digno das nossas manifestações entusiásticas.

Sempre mais e mais, sem parar, como quem pretende atingir um ponto culminante pre-marcado, ou chegar à meta que garante a conquista dum prémio valioso. Sempre mais e mais, isto é, em cada dia uma nova ideia que se realize no dia seguinte. A todas as horas, senão a todos os instantes, há motivo para iniciativas diferentes e muitas delas sem acarretarem encargos de vulto. O que é necessário é arrear estorvos que não mereçam a consideração de ser atendidos.

A nossa terra vem já de muito longe, desde a fundação da nacionalidade, preparando-se para vir a ser um grande aglomerado, entretecendo louros na sua frente magestosa que nem todas as terras podem igualar. Tem vida própria — coisa rara em muitas terras do país — e esta semi-independência (completa ninguém a alcança) precedida do laurel de berço de Portugal, abriu-lhe as portas do futuro e argamassou-a para não mais cair. Há alicerces indestrutíveis e ela tem-nos. Na formosíssima região em que se situa — o Minho dotado de belezas sem par — ela há-de seguir ovante na esteira do progresso e transformar-se numa grande urbe, assinada, logo ao nascer, como terra-mãe de uma nação que se cobriu de glória e ingentemente levou a toda a parte o seu venerando nome.

Contém belas relíquias de histórica recordação e tem-se afirmado como um grande centro industrial, ao mesmo tempo que, inúmeras vezes, outras manifestações de valor, tanto nas letras como nas artes, lhe deram direito a ser alguma coisa mais do que um simples burgo onde, aliás, desabrochou, como planta rara, a formosa flor que é a nossa Pátria, cheia de seiva, altiva e radiante, de forte cerviz que a nada se submete.

Bem mereceu, em tempos distantes, o foral que lhe deram o Conde D. Henrique, e depois D. Afonso Henriques, porque a ilustre Vimaranes, a ridente povoação que hoje, por corrupção, se chama Guimarães, se impuzera já ao apreço dos governantes e estava apta para ingressar no concerto das terras mais importantes do país, a fim de atingir, como elas, num futuro mais ou menos próximo, o lugar de destaque que justamente merecia.

Da tradição deverá manter-se só o que seja útil. O inútil não interessa, põe-se de lado. Em Guimarães há muito do passado que tem de conservar-se com todo o cuidado e veneração. As relações entre o que foi e o que deve ser, exigem acertado critério e desapaixonado julgamento. Há velharias detestáveis e há-as que se impõem a acrisolado respeito. Conservar, por conservar, simplesmente, é tola presunção.

Para vida nova, pois, observados aqueles princípios, temos de continuar a caminhar. Assim no-lo dita o coração que em si guarda um grande amor à terra em que nascemos e onde, vivos ou já mortos, nasceram quantos particularmente nos são queridos.

Dizia alguém que a coisa mais bela que conhecia era a faxa de céu que cobre a sua terra. Porém, o nosso sentimento abrange as duas coisas.

Diga-se, embora, que no deambulatório caminhar dos homens tudo às vezes se sacrifica em holocausto a vaidades risíveis por acentadamente incongruentes e ilógicas; mas o certo é que, dessa conduta, que pode no momento dar a impressão de inofrida e até arreliante, em regra ressalta alguma coisa de útil para a colectividade.

Festejar com entusiasmo datas que na vida dos povos representam passos de notável evidência, de indiscutível progresso, é reconhecer a valia de acontecimentos que marcadamente mostram o tipo exacto desses povos e a confissão pública da estima em que os têm.

Não reconhecer gratamente aquilo que nos façam e que tem o condão de nos elevar e valorizar, é indicativo de pouca consideração própria e menosprezo por quem nos dispensou provas de apreço.

Por isso é que a nossa terra calorosamente se empenha em fazer, com as suas festas, a demonstração clara da muita satisfação que nutre pelas gloriosas datas que comemora. R.

POUCAS terras haverá que, como Guimarães, tantas razões de história e económicas tenham a expor, na sucessão dos séculos que formam o seu milenário, para sobre elas atrair as atenções não só dos seus naturais, como, também, de toda a Nação. Nada há de banal nas comemorações que agora se iniciam, porque, curvados sobre a sua história desde que Guimarães, mesmo antes de ser o dia 1.º de Portugal, se formou à volta do mosteiro de Mumadona, temos motivos fortes de incitamento no desenvolvimento e prosperidade de que o cenóbio vimaranense dá exemplo e se confirma no inventário de 1059.

Não admira, pois, que tantos dos nossos historiadores se tenham apaixonado pelas antiguidades da nossa terra, colhendo sempre delas elementos preciosos para a elaboração dos seus trabalhos.

O foral de D. Henrique deu ao burgo que se acolhera à protecção espiritual do convento uma nova feição, de que tomou maior incremento.

E quando as lutas da fundação deram a Guimarães com o baptismo de sangue a sua perpetuidade na História, o burgo foi tomando maior desenvolvimento de modo a unificar os dois povoados distintos de que era constituído.

O ataque de Henrique II de Trastámara veio aproximar essa unificação, selada pela carta régia de 20 de Setembro de 1389, e foi o fermento do primeiro tratado de Aliança Anglo-Portuguesa celebrado em Ta-

GENTE VALOROSA E ESFORÇADA

gilde aos 10 de Julho de 1372 entre o nosso Rei D. Fernando e os embaixadores do Duque de Lencastre e que teve, e continua a ter, importância notável na história política e diplomática de Portugal e da Inglaterra.

No pacto firmado aos 16 de Junho do ano seguinte (1373) entre D. Fernando e Eduardo III, — dia de Corpus Christi — estabeleceram-se os laços subtis de uma comunhão espiritual que teve influência no nosso renascimento com a dinastia de Aviz, em que às vantagens das relações comerciais se veio juntar o apoio diplomático e o auxílio militar representado pelos arceiros de Aljubarrota.

* * *

Não vamos, claro está, nesta modesta contribuição que damos às festas que hoje se iniciam na nossa cidade, desenrolar, a par e passo, as efemérides que mais se prendem à história de Guimarães.

De resto, o povo de Guimarães não se deixou adormecer à sombra dos louros conquistados nos campos de batalha.

Ao mesmo tempo que se tornavam fortes pelas armas e eram patriotas pelo coração, os vimaranenses

aventuravam-se, através dos mares e das perseguições dos corsários, o mercadejar nas Flandres levando a essas terras longínquas a fama dos seus artefactos.

Depostas as armas que nos campos de batalha asseguraram a independência da Pátria, a terra de Guimarães foi, no desenvolvimento das suas artes e officios, criando novos motivos de prosperidade que se reflectiam na prosperidade económica da própria Nação.

Do resultado do seu esforço laborioso deu prova exuberante a sua 1.ª exposição concelhia realizada em 1884, precisamente no edificio onde em Maio de 1852 tinha sido hospedada a Rainha D. Maria II.

Depois, em Agosto de 1923, no edificio da Escola Industrial, nova revista de forças se realiza de maneira a afirmar, inequivocamente, o progresso da sua técnica na diversidade de artigos que formam a sua indústria.

Com os progressos da técnica na maquinaria vão-se acentuando, cada vez mais, os progressos da laboração de modo que, neste ano festivo, nova parada dos seus valores materiais atestará a importância do nosso concelho.

Mas também os valores do espírito não ficam esquecidos. A Exposição da benemérita Sociedade Martins Sarmento demonstrará o que, no campo cultural, os vimaranenses trabalharam, através dos séculos decorridos, no engrandecimento da Pátria e na dignificação da Grel.

V. F.

Comemorando duas datas históricas

O centenário do nascimento do Abade de Tãgil de

COMO Guimarães se prepara, com afoiteza e orgulho nobilíssimo, para comemorar brilhantemente duas datas fundamentais da sua história, de significação local e também de alta significação portuguesa, num desenrolar valoroso, cultural, económico e comunicativo, de exposições, variedade de publicações e festivais religiosos e de exteriorização profana, convém recordar, neste momento das manifestações do centenário da «Cidade» e do milénario da sua existência histórica, as que são particularmente devidas ao centenário do nascimento do grande diplomata e historiador Abade de Tãgil de.

Mais diplomata e medievista, pela largueza e profundidade do seus estudos e trabalhos, no amplo domínio e interpretação duma abundante soma de documentos medievais, que integrou nos *Vimaranis Monumenta Historica*, e espalhou pelas páginas do «Archeologo Português» e «Revista de Guimarães», (recheio documental e de fundo da Colegiada, Câmara e Mosteiro de Souto), mais diplo-

matista do que historiador, pelo limitar dos seus vastíssimos recursos de assimilação e de intuição investigadora, ao campo local, Abade de Tãgil de bem merece, pelo inegável prestígio que conquistou e pelo que percorreu, em consciência e sentido crítico, sobre bibliologia e história regional, sejam ajustadas às celebrações de Guimarães, as homenagens a prestar ao seu nome venerando e illustre, na quadra centenária do seu nascimento.

Abade de Tãgil de dilatou e intensificou os seus conhecimentos e a sua erudição, na preferência de estudos sérios, num desenvolvimento de investigação aturada, de juízos historiográficos, de cata-

gação e desinteresse, à terra de Guimarães e à arte piedosa, caridosa e monumental que atesta a sua imorredoura grandeza.

Não foram, porém, integradas, nas demonstrações recordativas do milénario da existência histórica de Guimarães e centenário da «Cidade», as que se projectam realizar por ocasião do centenário do nascimento do vimaranense Abade João Gomes de Oliveira Guimarães.

Não foram, mas não estarão, certamente, esquecidas, e como se destinam mais para o fim do ano, bom será que não esmoreçam, pelos delírios e gastos do presente.

Como serão dignas de tão Ilustre Homem de saber e de talento, escritor produtivo e

construtivo, esperemos que o programa de colaboração entre a Sociedade Martins Sarmiento e a Câmara Municipal, se realize integralmente: Inauguração do seu busto num lugar público, desceramento duma lápide na casa onde nasceu, em Mascotelos, e conferência pelo Ilustrado Publicista Dr. Eduardo de Almeida, na Sociedade.

As Exposições da Sociedade Martins Sarmiento já vão recordar, porém, e satisfatoriamente, os vultos principais da cultura vimaranense. Nelas estarão patentes a História de Guimarães, os Homens e os documentos de Guimarães.

logação e de inventariação, porque tinha uma grande capacidade cultural e de trabalho, e era um paleógrafo conhecedor de todos os segredos da escrita medievista e de toda a riqueza dos arquivos.

Nem todos os paleógrafos são suficientemente cultos, nem todos os historiadores suficientemente escrupulosos e imparciais.

O Abade de Tãgil de reunia todas as qualidades, todas estas indispensáveis doutrinas do saber, todos estes indispensáveis sentidos e sentimentos de produção.

Dedicou as superiores vantagens da sua inteligência, ao labor fecundante da cultura e da ciência, produzindo obra de mérito.

Conhecia as origens, a topografia e a evolução histórica que transformaram, pelos factos das gerações e das leis, todas as fomentações de governo e de vida dos aglomerados rurais e das freguesias do nosso vastíssimo Julgado.

Foi um penetrante investigador, que compôs, libertando-se dos antigos erros e das velhas asserções dos elucidários e das crónicas, com precisão e saber, muitos episódios e revelações inéditas de historiografia vimaranense, esclarecedores da vida social, religiosa e artística do Concelho.

Inclinando o nosso espírito sobre o valor informativo da sua obra, sobre as suas fecundas elucidaciones e sobre a monumentalidade construtiva de todo o património histórico que juntou e nos legou, publicamente salientamos que não é favor nenhum, ao reconhecer-lhe os méritos, pagar-lhe dignamente os serviços que prestou, com abne-



Abade de Tãgil de

Guimarães e a sua Assistência

(Continuação da pág. 7)

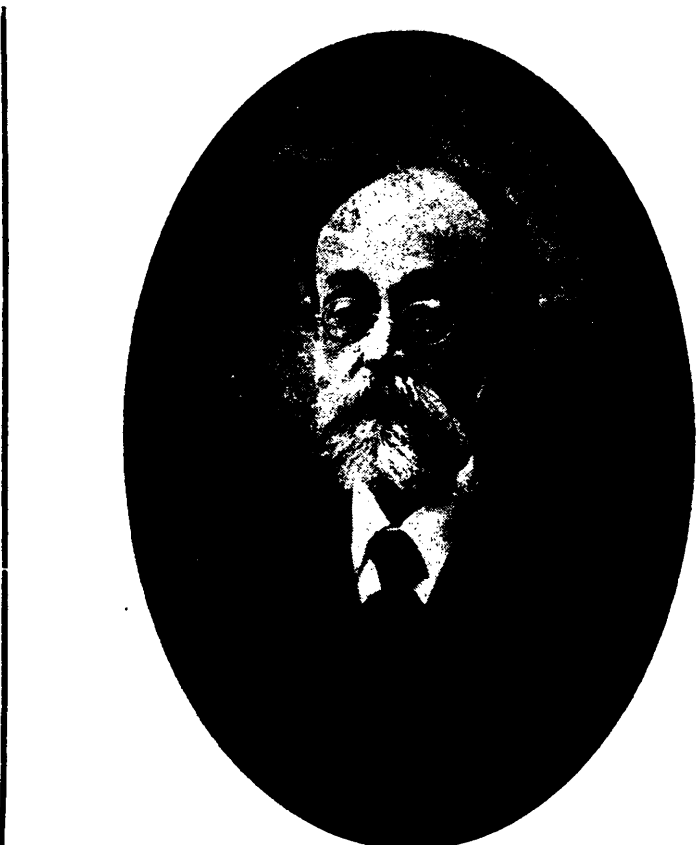
grou a Associação Vizelense de Beneficência. Prestam ainda assistência, em outras modalidades, a Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense, a Associação Fúnebre, as Cantinas Escolares, as Conferências de S. Vicente de Paulo (Homens e Senhoras), as Casas do Povo, etc.

E porque falar das Obras de Assistência é o mesmo que falar da generosidade dos corações que não repelem o eco dos efeitos da adversidade, poderei citar mais alguma coisa nesse sentido, isto é, não deixar no esquecimento os Recolhimentos do Anjo ou S. Crispim, o das Dominicãs e o das Trinas, este a cargo da Santa Casa da Misericórdia, assim como se encontra a cargo da mesma o Bairro «João de Melo», na freguesia de Urgeses, destinado a cegos e aleijados.

Do que fica dito, com possíveis omissões, verifica-se que o problema da Assistência em Guimarães não deprime a Alma nem o coração dos Vimaranenses, mas que, pelo contrário, lhes dá direito a uma justa exaltação das suas virtudes cristãs e sentimentais, integradas na tradição da Caridade, que no decorrer dos anos se tem tornado maior na sua expansão e mais eficaz no seu Apostolado.

A esse pensamento e a essa realidade se tem associado a Câmara Municipal do Concelho, que nesse sector tem desenvolvido uma acção a todos os títulos digna dos mais justos louvores.

O Estado, por sua vez, não se tem esquecido de Guimarães e a Ele se devem melhoramentos importantes nas seguintes Casas de Caridade: Misericórdia, Ordem de São Francisco, Asilo de Santa Estefânia e Oficinas de S. José. Oxalá, pois, que a iniciativa Oficial e a particular continuem a ser consagradas em Guimarães com o vivo e sin-



O Musicólogo MOREIRA DE SÁ

nasceu em Guimarães no ano de 1853

Obras Didáticas e Históricas que publicou:

A Instrução da Criança, Aritmética, Planimetria, Problemas de Aritmética, Problemas de Aritmética e Geometria Plana, Guia de Correspondência, Contabilidade e Escrituração Comercial, Compêndio de Música, Solfejos em todas as Claves, Cantos Escolares, A Técnica da Rabeca, Selecta Portuguesa, Primeiro Livro de Francês e Gramática Prática, Selecta Francesa, Selecta Francesa para uso das Escolas dos Estados do Brasil, Conversação Parisiense, Vocabulário Fraseológico em Português-Francês do Soldado em Campanha, Primeiro Livro Inglês, Gramática Inglesa, Sumário da Gramática Inglesa, Vocabulário Fraseológico Português-Inglês, Agrupamento de Palavras Portuguesas, Francesas e Inglesas, Manual de História das Artes Plásticas, Arquitectura, Escultura, Pintura, Artes Sumptuárias e Decorativas, Palestras Musicais e Pedagógicas, Notas Bibliográficas e Musicais, Artigos de Crítica Musical, História da Música, Teoria Matemática da Música, História da Evolução Musical, A Tonalidade no Sistema temperado, «Théorie Mathématique de la Musique», A «Théorie Exacte et Notation finale de la Musique», Anais do Orfeão Portuense.

Fundador e Director do Orfeão Portuense — Fundador e Director do Conservatório de Música do Porto — Professor e Director da Escola Normal do Porto. VIOLINISTA INSIGNE

cerco reconhecimento do próprio Amor do próximo, alargando cada vez mais o âmbito das suas perspectivas neste populoso e laborioso concelho, que, pela elevada densidade da sua população e da sua numerosa classe operária, carece de uma assistência ainda mais eficiente, designadamente da hospitalar, aquela que se pode restringir sem o risco de consequências muito graves. De resto, é o próprio

Poder Central que reconhece essa necessidade, atribuindo às Misericórdias, de um modo especial, a maior importância dessa modalidade assistencial.

Porque assim acontece, Guimarães aguarda, com justificada ansiedade, que mais e melhor se possa fazer nesse sentido.

Junho de 1953.

M. MENESES

Guimarães na história e na economia da Nação

(Continuação da 8.ª pág.)

Português; mas este seu concurso tem-se manifestado sempre, através dos séculos, na sustentação da sua independência política e económica.

Nunca Guimarães foi para a Nação um peso morto, que lhe acarretasse encargos superiores às possibilidades das receitas aqui arrecadadas. Sempre tem contribuído com o seu trabalho e esforço, para o engrandecimento da Pátria.

Hoje, constitui uma avantajada colmeia de trabalho industrial, que actua benéficamente na economia do Estado.

Quando Guimarães conquistou foros de cidade, já possuía, dentro dos seus limites, algumas indústrias caseiras de grande nomeana, sendo uma delas a tecelagem dos afamados atalhados e panos de linho, seguindo-se-lhe, depois, as de cortumes, cutelarias e pentes.

Actualmente, estas indústrias estão muito desenvolvidas, sendo as de fição e tecidos as que sobrepõem a todas. Estas encontram-se disseminadas por toda a área do concelho, em grandes e pequenas unidades.

Muitos milhares de operários e suas famílias vivem do trabalho destas empresas industriais, sem o que teriam de emigrar, visto que a agricultura não poderia dar trabalho a tanta gente.

Honra seja dada, pois, aqueles a quem Providência dotou com qualidades de iniciativa e direcção de trabalho, pondo estes dons em actividade prática, porque a eles se deve o bem estar e o progresso desta terra de Guimarães.

Sinto, porém, ter de afirmar, que este progresso económico não tem sido acompanhado por um relativo desenvolvimento, no que diz respeito a melhoramentos públicos.

Durante este último século, a cidade pouco se estendeu além das linhas já existentes fora das antigas muralhas e, todavia, ela tem tido merecimentos, oportunidades e vida própria, para ser hoje uma das principais cidades do norte de Portugal, tanto no que se refere aos arruamentos e edificações, como em tudo que pode exigir-se numa cidade moderna. Mas, infelizmente, todas as oportunidades se têm perdido e Guimarães continua, com profundo desgosto nosso, a não ser aquilo que, bem melhor que outras terras, poderia ser.

Mas lá ia eu entrando no caminho do desânimo e este momento não é próprio para isso. Congratulemo-nos com o pouco que foi possível fazer-se e façamos votos para que, daqui a cem anos, os vimaranenses, que então festejarem o segundo centenário, não tenham que lamentar-se das deficiências do nosso tempo e possam gozar uma cidade ampla, arejada e desinfectada.

Viva Guimarães;

JOAQUIM DO VALE

UM GOLPE DE VISTA

Em 1884 Guimarães realizou a sua 1.ª Exposição Industrial.

Em 1923 teve lugar o 2.º certame do labor vimaranense.

Em 1953 volta Guimarães a dar pela presente galeria expositiva, mais uma prova da sua fecundidade industrial.

No BERÇO DA NAÇÃO andam aliados os pergaminhos de nobreza histórica com o Trabalho.

Aqui nasceram indústrias; aqui perduram. É um património, é uma riqueza, é uma glória, que se mantem com ardor nacionalista.

No longo ciclo das gerações, a grei laboriosa marca duas etapas características: — a indústria oficial e a indústria fabril.

O Trabalho manual, as ferramentas de antigamente, foram suprimidas pela Máquina.

O vapor, a electricidade, a força motriz revolucionaram a técnica de toda a produção.

E Guimarães, prosseguindo, devotou-se às novas matrizes do progresso industrial.

Os métodos arcaicos foram relegados à Etnografia.

Estamos, pois, diante dum certame que, sendo notável pelo que representa na economia

nacional, quase apaga a manufactura dos tempos idos.

Há mesmo tipos de manufactura que desapareceram do quadro da produção local.

Pregueiros, sombreiros, serigueiros, espadeiros, armeiros, filigraneiros, lapidários, violeiros, segeiros, imaginários, celeiros, parameiros e outros, fecharam as suas oficinas.

De igual sorte desapareceram alguns centros produtores, dissimulados no meio rural.

— Quem, na Corredoura, encontra os fabricantes do couro sumagre?

— Quem em S. Torquato lobra um lavrante de prata?

— Quem, dos Sandes a Balazar, descobre uma oficina de chapeleiro?

— Quem, de Gominhões, exporta chinelas e tamancos para o Brasil?

— Travaços, da nossa antiga Jurisdição, que fez dos seus «alques» de curtir solas?

— E a linha de linho, que contava em cada lar uma oficina, onde cirandam as suas fuseiras?

Foi larga e profunda a rota de transformação. Contudo o fomento industrial intensificou-se.

A herança económica do passado, avultou.

A Exposição Industrial de 1953 talvez não ofereça ao visitante um quadro geral tão impressionista como os anteriores certames lhe ofereceram.

Porquanto: há no presente certame, menos modalidades industriais, de passo que a mão de obra é menos pessoal.

O artesanato dos nossos dias já não pode dizer — eu fiz!

Tão somente pode proclamar — nós fizemos!

O obreiro de hoje, raro principia e acaba uma obra.

A mão perita, o sentido estético seguem os *canons* estandardizados.

Fundamentos que fazem da presente Exposição Industrial, mais que um mostruário do labor vimaranense — uma tese.

Nem todos os mestres, nem todos os industriais vieram à Exposição.

Uma indústria, a todas se sobreleva.

Detenha-se o visitante e observe.

O que a galeria não mostre, talvez os gráficos revelem.

(Palavras que abrem o GUIA DA EXPOSIÇÃO)

ALBERTO VIEIRA BRAGA

O LINHO E A LINHA DE GUIMARÃES LEVARAM SUA FAMA A TODA A PARTE.

FOMOS O EMPÓRIO LINHEIRO DE PORTUGAL.

A FIRMA**A. Gouveia**

AGENTE OFICIAL DA

PHILIPS PORTUGUESA S. A.

associando-se às comemorações que ora decorrem, homenagea o glorioso Berço da Nacionalidade, e recorda com emoção as palavras que o insigne Chefe do Governo um dia proferiu:

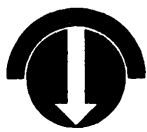
«Acto de devoção. Cobrimos de flores, trazidas dos quatro cantos do mundo, as pedras mortificadas sobre que se ergue este castelo, como se piedosamente se beijassem as feridas de um herói ou se alindasse o berço de um santo. Vimos de longe, alguns de muito longe visitar a velha casa de seus velhos pais, a cidade augusta onde primeiro bateu, com o coração do primeiro rei, o coração de Portugal. Sabemos dever-lhe o que tomamos, e o que somos dele vem ainda — vivermos livres na nossa terra e honrados na terra alheia».

SALAZAR

EXCELENTES SERVIÇOS PARA CASAMENTOS,
BATIZADOS, BANQUETES E
PORTOS D'HONRA.

FABRICO DIÁRIO DA MAIS
FINA PASTELARIA E
CONFETARIA.

CONFETARIA OLIVEIRA
Fundada em 1894



PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 105

TELEFONE 21010

P O R T O*Fábrica de Tecidos de Linho e Algodão*

Especialidade em pano para lençol

Albano M. Coelho de Lima

TELEFONE 4363

PEVIDEM

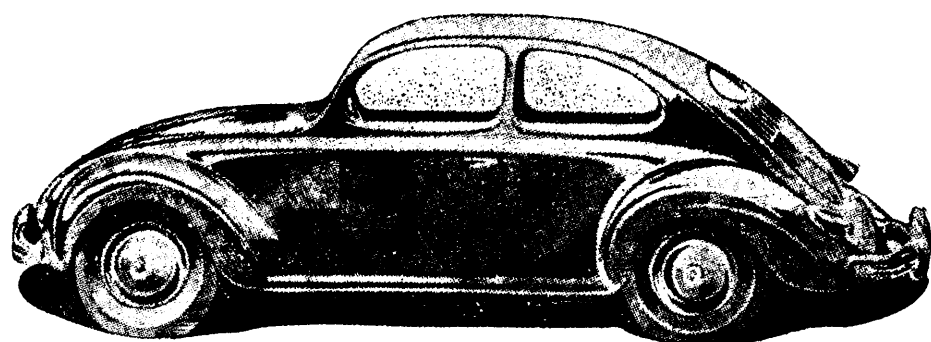
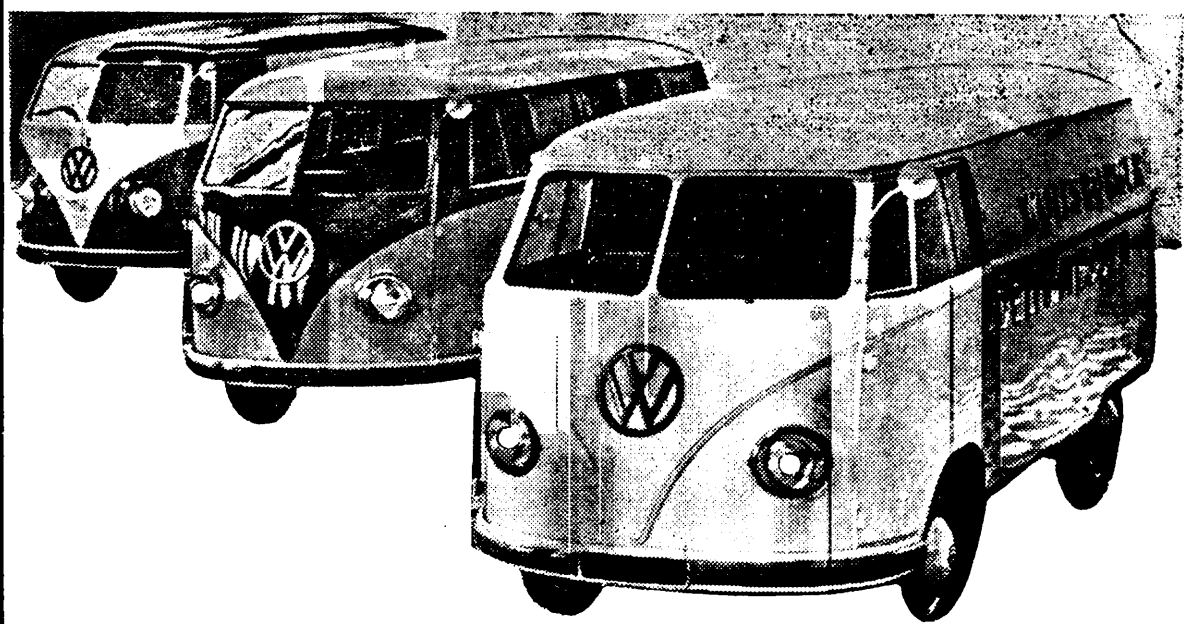
FÁBRICA DE TECIDOS DO MIRADOURO

SEDAS
E
ALGODÕES

Joaquim de Almeida Guimarães

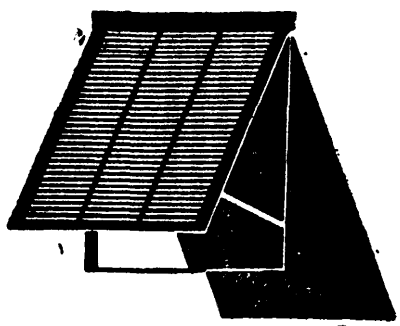
TELEFONE 4406

MIRADOURO — GUIMARÃES

VOLKSWAGENA
U
T
O
M
Ó
V
E
I
SE
F
U
R
G
O
N
E
T
A
S

Agente no Distrito de Braga:

J. Mendes Ribeiro Júnior



"Solcris"
... É UM ESTORE

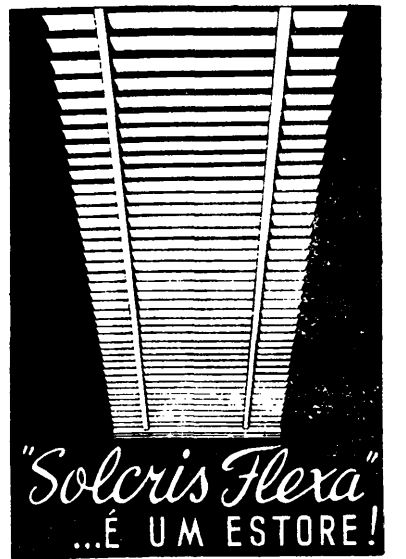
SOLCRIS

A MAIOR UNIDADE NACIONAL NO FABRICO
EM MADEIRA E DURO-ALUMINIO

Rua José Falção, 61 — PORTO — Telef. P. P. C. 25150 - 25151 - 60112 — Teleg.: SOLCRIS

Em Guimarães: *Aníbal Dias Pereira*

Telefone: 4045



MILHOS HIBRIDOS
SELECTAL

TIPOS ESPECIAIS PARA FORRAGEM VERDE E
PARA GRÃO, TODOS COM ALTO RENDIMENTO

Selectal — Soc. de Sementes Seleccionadas Mauthner
(PORTUGAL) L.^{DA}

Rua dos Fanqueiros, 121, 3.º Lisboa — Tel. 31837

A. GOMES, FILHOS & SÁ

Diplomados com "Medalha de Ouro," — Avaliadores Oficiais pela Casa da Moeda

OURIVESARIA

Importantes oficinas de Ourivesaria, Relojoaria, Gravadores e Joalheria. Filiais nas feiras semanais de Famalicão, Barcelos, Vila do Conde, Fontainhas, Castelo da Maia, Cò (Paços de Ferreira) e nas anuais de Vila Real e Chaves. Esta casa é na província a que mais popularidade tem, por ser a que mais barato vende.

Vendas por junto e a retalho

Rua da Junqueira, 68 TELEFONE. 38 Póvoa de Varzim

Senhores Automobilistas, Comerciantes e Industriais:

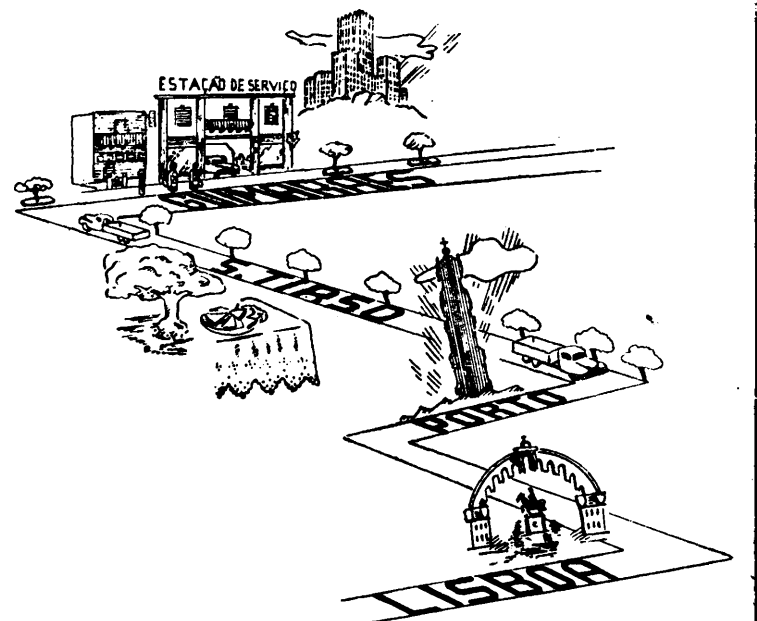
Utilizai os Serviços Técnicos da

Estação de Serviço Especializada

Recomendada pelo A. C. P.

e os seus Modelares Serviços de Transportes de Carga da

EMPRESA AUTO RECOVEIRA VIMARANENSE



Guimarães

Avenida Conde Margaride

Telefone 4417

S.º Tirso

Garagem Machado

Telefone 12

Porto

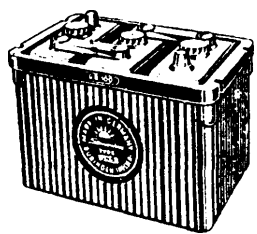
Rua Duque de Saldanha 244

Telefone 51900

Lisboa

Casal de S.ta Luzia (à Estefania) 36-C

Telefones 49174-44722



«Sonnenschein»
Baterias pré-carregadas

Um produto da melhor técnica alemã

No momento de serem utilizadas basta apenas enchê-la de electrólito,
sem ser preciso ligá-las à corrente.

Este importante melhoramento foi possível pela utilização
de separadores de lã, de vidro e de placas especiais

Representantes exclusivos em Portugal

Auto Aliados

R. de Ramalho Ortigão, 18 — PORTO
Telef. P. P. C. 25381-25382
25356 (Armazém)

REVENDEDORES OFICIAIS

Empresa Auto Recoveira Vimaranesa
(COM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRÓPRIA)

Av. Conde de Margaride — **GUIMARÃES** — Telef.: 4417

WYRESOLES



Anti-derrapante
Travagem muito
MAIS eficiente
MAIOR resistência
à perfuração,
MAIOR segurança
em estradas molhadas, MAIOR
duração

O PISO ARAMADO QUE ADERE
AO
PAVIMENTO

TYRESOLES não é mais um processo de recauchutagem: — TYRESOLES é um sistema de reconstrução inteiramente novo em Portugal mas conhecido em todo o mundo através de centenas de fábricas que renovam anualmente dezenas de milhões de pneus.

Mande-nos os seus pneus usados e receberemos-os em condições de fazerem a mesma quilometragem que qualquer pneu novo de boa marca e por menos de metade do preço.

O privilégio da patente TYRESOLES para Portugal, pertence á

UTIC
FÁBRICAS:

Av. Infante D. Henrique — Cabo Ruivo — Tel. 39091 — LISBOA

Av. da Liberdade 136-1.º — Tel. 34932 — LISBOA

Av. dos Aliados 138 — Tel. 25229 — PORTO

o Laborim - V. N. DE GAIA — Tel. 152 — Santo Ovídio

Agentes oficiais em GUIMARÃES

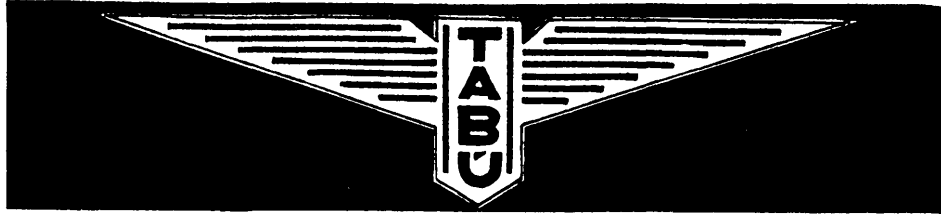
Empresa Auto Recoveira Vimaranesa

Av. Conde Margaride

TELEF. 4417

CASA DAS GRAVATAS

AGENTE DAS CAMISAS

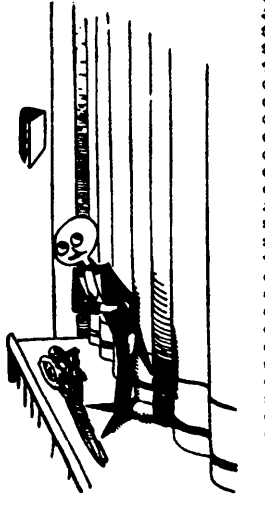


Largo do Toural, 132 // Telefone, 4408

GUIMARÃES

MALHAS

PERFUMARIAS



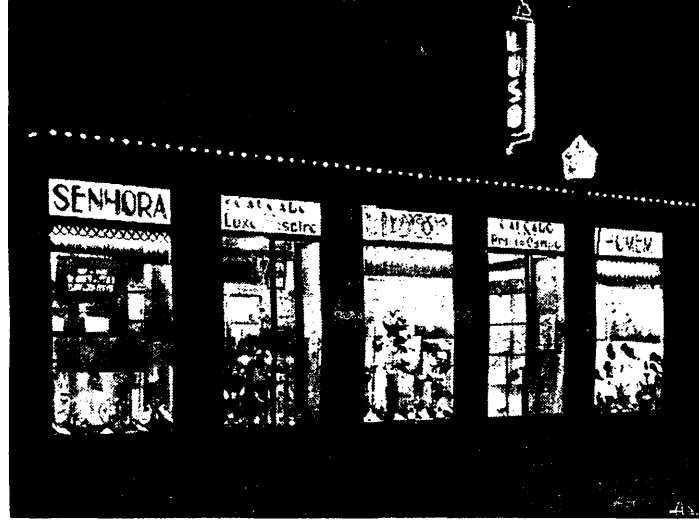
25 ANOS A CALÇAR BEM

IMPÉRIO, FABRICA O
MELHOR CALÇADO QUE
O HOMEM CALÇA.

PLUMA, SAPATO
PARA SENHORA, CUJA
INSPIRAÇÃO SE DEVE A

IMPÉRIO

Fábrica de Calçado
S. JOÃO DA MADEIRA



FILIAL: RUA DE S.^{TO} ANTÓNIO, 14 a 22

CALÇADO LUIS XV
«MELIOR»
(PORTO)

O complemento de elegancia feminina.
Sugestivos modelos.

«JOMAX»

(S. JOÃO DA MADEIRA)

SAPATOS «BALETT»
ULTIMA MODA
A COMODIDADE
EM SEUS PÉS

Vendedor exclusivo em Guimarães

Sapatataria Luso

TELEFONE 4440

MATIAS, L. DA

(António Matias)
(Manuel Costa)

Saudam Guimarães

CONFEITARIA DO BOLHÃO — PORTO

Casa especializada em "Serviços" de Copo d'Água

FOGOS DE VIANA DO CASTELO

— DE —

Silva & Filhos

Fornecedor de um fogo de artifício em honra do Ex.^{mo} Senhor
Presidente da República na noite de 23



FESTAS DO FIM DO ANO
ILHA DA MADEIRA

Um dos deslumbrantes quadros luminosos dos fogos dos "SILVAS"
nas Festas do fim do Ano na Ilha da Madeira

Telegramas SILVARIA

TELEFONE 2543

COMPANHIA DE SEGUROS

Ultramarina

SEDE: Rua da Prata, 98 e 108 - LISBOA

SEGUROS

EM

TODOS OS RAMOS

AGENCIAS

EM

TODAS AS LOCALIDADES

Fábricas e Armazém de Tecidos de Algodão

Fábrica de Serração e Móveis
— Armazém de Lanifícios —

de

Alberto Pimenta Machado & F.^{os}

Guimarães

(Casa exportadora fundada no ano de 1919)

TELEFONES

Armazém de Tecidos de Algodão }
Escritórios } P. B. X. 4111 — 4112 — 4113
Armazém de Lanifícios }
Fábrica de Móveis e Serração }

Escritório (Gerência) 4405 e 4485

Fábrica de Tecidos de Vila Pouca . . . 4424

Filial (estabelecimento de venda ao público) R. Santo António 4478

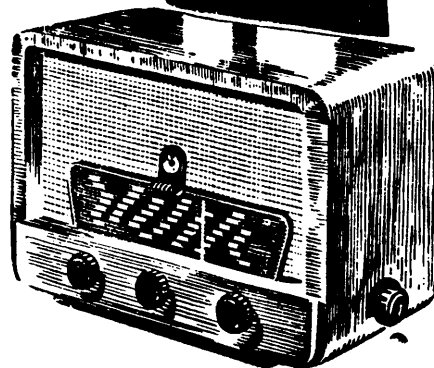
PARTICULARES:

Residência { (Rua Paio Galvão) . . . 4128
{ (S. Torcato) 4472

Telegramas — ALPIMENTA

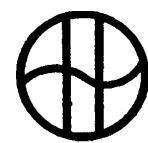


*Perfeitamente
musical!*



Modelo W 550 - A

*Sonoridade admirável
a destes rádios de nova
técnica*



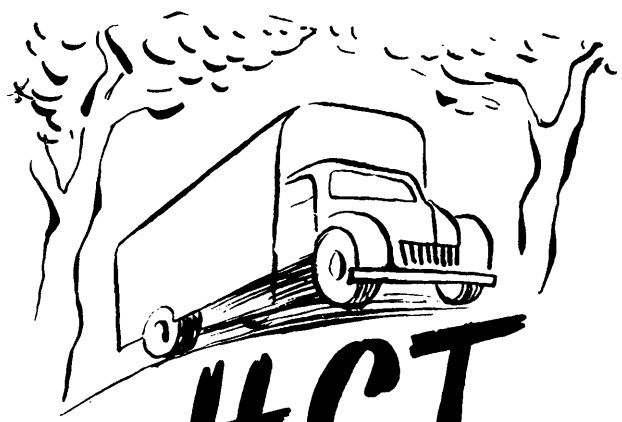
HORNYPHON

Preço Esc. 3.100\$00



Agentes em Guimarães

*Bernardino Jordão,
Filhos & C.^a L.^{da}*



H.C.T.

① *Maior*
QUILOMETRAGEM
NA ESTRADA

② *Maior*
TRACÇÃO
FORA DA ESTRADA



UM PNEU QUE TRABALHA POR DOIS!

MABOR

11-53

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
EM TODOS OS GÉNEROS



Tipografia Ideal

RUA DA BAINHA, 56-A.
TELEFONE 4581 - GUIMARÃES

P E R F E I Ç Ã O
R A P I D E Z
B O N S P R E Ç O S

PAX

Livraria Editora

ARTIGOS DE PAPELARIA,
ESCRITÓRIO, RELIGIOSOS E
FOTOGRAFICOS

Oficina Gráfica

TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO GRÁFICA DO NORTE DO PAÍS
RUA DO SOUTO, 75 - BRAGA TELEFONE 2604

Fábrica de Fiação e Tecidos do

ARQUINHO

DE

António J. P. de Lima, filhos & C.ª L.ª

Fundada em 1913

FABRICO DE TECIDOS DE
ALGODÃO, LINHO E SEDA

GUIMARÃES
TELEFONE 4104

Representante em Lisboa:
José Salgado Guimarães, & C.ª Suc.

PRAÇA DO PRÍNCIPE REAL, 29-1.º
TELEFONE 20843

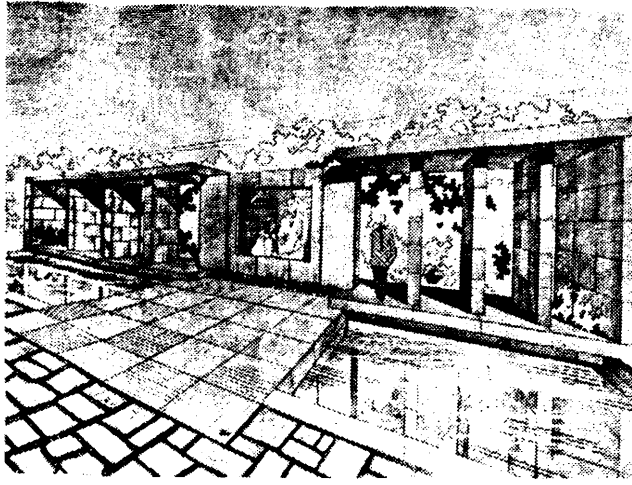
"C A R I"

(CASIMIRO RIBEIRO)

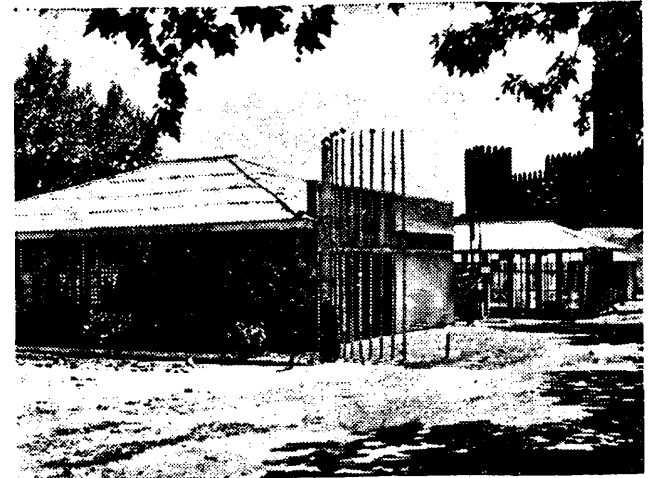
Obras públicas e edificações gerais

PEVIDEM—TEL. 4609

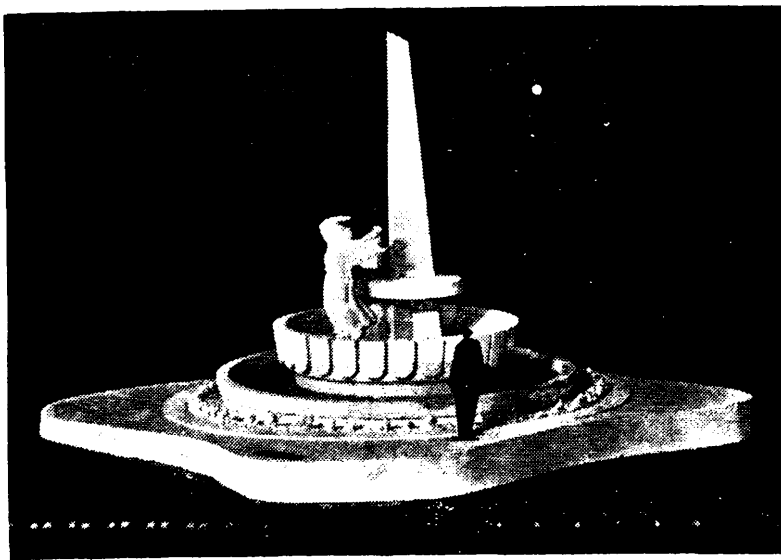
Algumas das suas
últimas realizações



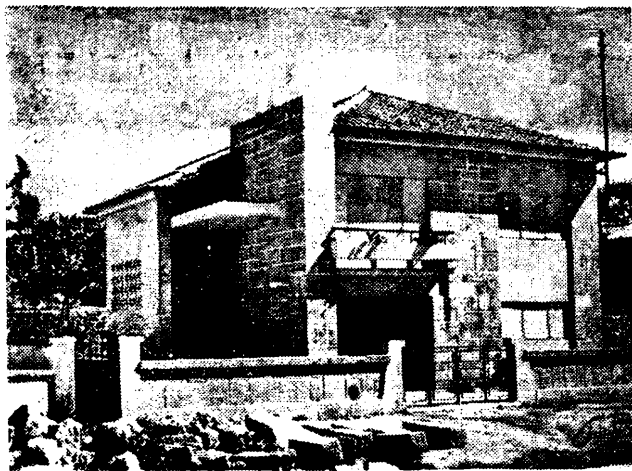
Monumento a Alberto Sampaio, em Guimarães
(AUTOR—ETA)



Pavilhão da Exposição Industrial, em Guimarães
(AUTOR—A. I. P.)



Fonte Monumental do Touro, em Guimarães
(AUTOR—ARQ. SEQUEIRA BRAGA)



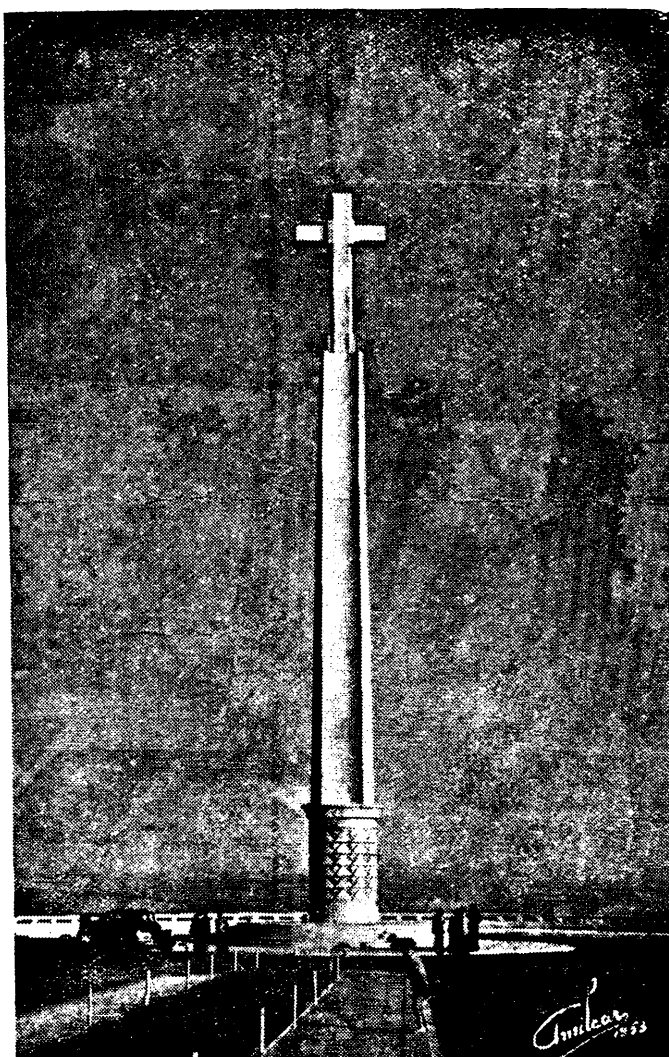
Casa de habitação, na Rua Dr. José Sampaio,
em Guimarães
(AUTOR—ETA)



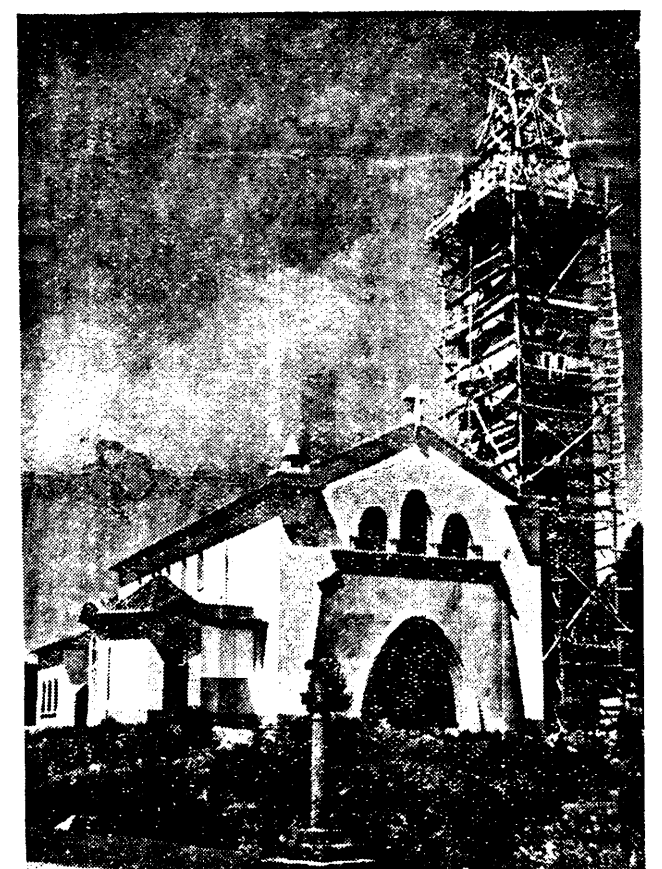
Igreja de Pevidem
(AUTOR—ARQ.º A. PEREIRA DA CRUZ)



Asilo de Santa Estefânia (ala nascente)
em Guimarães
(AUTOR—ARQ.º F.º AUGUSTO BAPTISTA)



Cruzeiro Monumental do Sameiro, Braga
(AUTOR—ARQ.º MOREIRA DA SILVA)



Igreja de Moreira de Cónegos, Guimarães, (em que
cooperou com as artes de tolha e serralheiro)
(AUTOR—ARQ.º SEQUEIRA BRAGA)